

Agrupamento de Escolas Leal da Câmara

Contos de Grimm

Jacob Grimm e Wilhelm Grimm

Título: Contos de Grimm

Autor: Jacob Grimm e Wilhelm Grimm

Ilustrações: Arthur Rackham, Walter Crane, Carl Offterdinger, Scholz’
Künstler-Bilderbücher Sneewittchen, Gustave Dore, Kate Greenaway,
Johnny Gruelle

Edição: Agrupamento de Escolas Leal da Câmara

Coleção: Clássicos Infantojuvenis

Seleção, paginação e projeto gráfico: Carlos Pinheiro

2.ª edição: dezembro de 2021

1.ª edição: outubro de 2013

ideiascom**mérito**
Rede de Bibliotecas Escolares

Edição segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de
1990

Índice

[Músicos de Bremen](#)
[O Capuchinho Vermelho](#)
[O Príncipe Sapo](#)
[O Ganso de Ouro](#)
[Os Sete Corvos](#)
[Branca de Neve](#)
[A Rainha das Abelhas](#)
[A Serpente Branca](#)
[A Raposa e o Gato](#)
[Os Dois Irmãos](#)
[A Bela Adormecida](#)
[O Alfaiate Valente](#)
[Hansel e Gretel](#)
[A Gata Borralheira](#)
[Rapunzel](#)
[O Flautista de Hamelin](#)

Músicos de Bremen

Era uma vez um burro que tinha trabalhado durante muitos anos para o seu dono, acartando sacos de milho. Com o tempo, foi perdendo as forças e acabou por não conseguir trabalhar como antigamente. Então o dono começou a pensar em desfazer-se dele. Mas o burro, adivinhando a sua intenção, fugiu e pôs-se a caminho da cidade de Bremen.

— *Em Bremen posso tornar-me músico* — pensava ele enquanto caminhava.

Depois de andar um pouco, encontrou, à beira da estrada, um cão de caça que arfava como se tivesse acabado de correr muito.

— Por que respiras assim com tanta dificuldade? — perguntou o burro.

— Ah, sabes lá! Como estou velho e cada dia que passa me sinto mais fraco, já não posso caçar. O meu dono queria matar-me, mas eu fugi a sete pés. Mas, agora, o que vai ser de mim? — queixou-se o cão.

— Por que não vens comigo para Bremen? — perguntou o burro. — Vou tornar-me músico da cidade e tocar alaúde. Tu podias tocar tambor...

O cão concordou e meteram-se ambos ao caminho.

Andaram algum tempo até que encontraram um gato que estava muito, muito triste.

— Então, meu velho, o que é que te aconteceu? — perguntou o burro. — Não pareces muito animado.

— Quem é que pode andar alegre quando se tem a vida em risco? — queixou-se o Gato. — Como estou velho e me apetece mais enroscar-me à lareira do que caçar ratos como antigamente, a minha dona quis afogar-me e eu fugi. Mas, agora, o que será de mim?

— Vem connosco para Bremen — convidou o burro. — Podes ser um músico como nós e entrar para a banda da cidade.

O Gato concordou e foi com eles.

Pelo caminho passaram por uma quinta e viram um galo empoleirado numa cancela. Cantava a plenos pulmões.

— Eh, queres deixar-nos surdos? — perguntou o burro. — Porque te esganiças tanto?

— Amanhã é domingo — explicou o galo — e a minha dona tem convidados. Mandou a cozinheira cortar-me o pescoço logo à noite e meter-me na panela. Por isso, canto enquanto posso.

— É melhor vires connosco — convidou o burro. — Nós vamos para Bremen e sempre é melhor do que ires para a panela. Tens uma bela voz e juntos faremos um belo quarteto.

O galo concordou e lá seguiram os quatro. Mas como a cidade de Bremen ainda ficava longe, resolveram passar a noite numa floresta.

O burro e o cão deitaram-se debaixo de uma árvore e o gato e o galo aninharam-se nos seus ramos. O galo escolheu um dos ramos do topo da árvore porque aí se sentia mais seguro. Antes de adormecer, olhou em volta e viu ao longe uma luz a brilhar na escuridão. Chamou os amigos e disse-lhes que, naquela direção, havia com certeza uma casa.

— Vamos até lá — propôs o burro. — Aqui não estamos lá muito bem instalados.

O cão também pensou que lá pudesse encontrar um par de ossos com alguma carne agarrada, por isso concordou e puseram-se todos a caminho.

Guiados pela luz, acabaram por chegar a uma velha casa que era afinal um esconderijo de ladrões.

O burro, como era o mais alto, aproximou-se da janela e espreitou para dentro.

— O que vê? — perguntou o cão.

— Vejo uma mesa repleta de coisas boas e quatro ladrões que se estão a banquetear à farta — respondeu o burro.

— De um manjar assim é que nós precisávamos — disse o galo.

— Ah, se ao menos pudéssemos lá entrar... — acrescentou o burro, cheio de fome.

Conversaram durante algum tempo e, por fim, os quatro amigos tiveram uma ideia para expulsar os ladrões.



Imagem: Walter Crane

O burro apoiou as patas dianteiras no parapeito da janela, o cão saltou para cima dele, o gato saltou para cima do cão e o galo voou para cima do gato. Depois, começaram a fazer barulho, cada um à sua maneira: o burro zurrou, o cão ladrou, o gato miou e o galo cantou. Enquanto faziam este concerto, saltaram através da janela, partindo os vidros com um grande estrondo. Os salteadores pensaram que se tratava de um fantasma horrível e fugiram a sete pés, rumo à floresta.

Muito satisfeitos, os quatro amigos sentaram-se à mesa e comeram tranquilamente até se fartarem. Depois, apagaram a luz e procuraram um sítio para dormir. O burro deitou-se num monte de palha que havia no pátio, o cão deitou-se atrás da porta das traseiras, o gato enroscou-se junto das brasas da lareira e o galo empoleirou-se numa das traves do teto da casa. Como estavam muito cansados adormeceram num instante.

Por volta da meia-noite os salteadores voltaram. Estava tudo às escuras e não se ouvia barulho nenhum.

— Não nos devíamos ter deixado assustar daquela maneira — disse o chefe, e mandou um dos seus homens à frente para examinar a casa.

O homem entrou e dirigiu-se à lareira para acender uma vela. Os olhos do gato brilhavam no escuro e o ladrão pensou que eram duas brasas. Aproximou um fósforo do focinho do gato para o acender. O gato não gostou da brincadeira e saltou-lhe para a cara, arranhando-a muito, enquanto miava e soprava. O ladrão apanhou um valente susto e quis fugir pela porta das traseiras, mas o cão atirou-se a ele e ferrou-lhe uma valente dentada na perna. Cada vez mais aterrorizado, o homem lançou-se a correr pelo pátio, passando perto do burro que lhe deu dois valentes coices. Nisto, o galo acordou em sobressalto e pôs-se a cantar:

— Có-có-ró-có-có! Có-có-ró-có-có!

O ladrão fugiu o mais depressa que pode. Quando chegou perto dos outros, gritou apavorado:

— Estamos perdidos! Está uma bruxa horrorosa sentada à lareira que me arranhou a cara com as suas unhas enormes. Junto à porta está um homem que me esfaqueou a perna. No pátio está um monstro que me encheu de pauladas. Em cima do telhado está o chefe deles todos que gritou: «Corre senão comes! Corre senão comes!» Foi o que fiz, para não apanhar mais.



Imagem: Walter Crane

Os salteadores nunca mais se atreveram a voltar àquela casa.

Quanto aos quatro músicos de Bremen, sentiram-se tão bem por lá que resolveram nunca mais sair...

O Capuchinho Vermelho

Era uma vez uma menina muito doce e muito meiga. Como era muito simpática, toda a gente gostava muito dela.

Um dia, a avó deu-lhe um capuchinho de veludo vermelho. A menina gostou muito do presente, passou a andar sempre com ele e, daí em diante, passaram a chamar-lhe «Capuchinho Vermelho».

Certo dia, a mãe chamou-a e disse-lhe:

— Leva este bolo e esta garrafa de vinho à tua avó que está doente e bastante fraca. Isto vai fazer-lhe bem. Vai sempre pelo caminho da floresta e não te afastes.

O Capuchinho Vermelho prometeu que se portaria bem, pegou na cesta com a comida e partiu depois de se despedir da mãe.

A avó morava no meio da floresta, longe da vila. Assim que a menina entrou na floresta, apareceu um Lobo muito grande, mas ela não sentiu medo nem desconfiou das suas más intenções, porque era muito inocente.

— Bom dia, Capuchinho Vermelho — cumprimentou o Lobo.

— Bom dia, Lobo — respondeu ela, delicadamente.

— Onde vais tão cedo, Capuchinho?

— Vou a casa da minha avó.

— E o que levas na cesta?

— Levo um bolo e uma garrafa de vinho. A minha avó está doente e estas guloseimas vão deixá-la forte e saudável.



Imagem: Gustave Doré

— Onde mora a tua avó? — quis saber o Lobo.

— Ainda falta um pouco para lá chegarmos. A casa dela tem uma sebe de aveleira e fica por baixo de três grandes carvalhos. Deves conhecê-la — informou a menina.

«Hum... que menina tão tenrinha! Se me despachar, posso almoçar a avó e saboreá-la à sobremesa.» — pensou o Lobo.

— Olha à tua volta, Capuchinho Vermelho. Já reparaste como são lindas as flores desta floresta? Ouve o canto dos pássaros! És muito séria e caminhas sem ver a beleza que te rodeia. Olha para a floresta!

O Capuchinho Vermelho olhou em volta e viu os raios de Sol por entre a ramagem, o tapete de lindas flores que cobria o chão da floresta e pensou: «Se fizer um ramo com estas bonitas flores, tenho a certeza que a minha avó vai ficar muito feliz.»

Saiu do caminho e entrou na floresta para apanhar flores. Sempre que colhia uma flor, via mais adiante outra ainda mais bonita. Por isso, foi-se afastando cada vez, embrenhando-se na floresta.

Enquanto isso, o Lobo correu para casa da avó e bateu à porta.

— Quem é? — perguntou a velhinha.

— Sou eu, o Capuchinho Vermelho — respondeu o Lobo, disfarçando a voz.

— Trago um bolo e uma garrafa de vinho. Pode abrir-me a porta, avozinha?

— A porta está aberta. Levanta a tranca e entra. Não posso sair da cama porque estou muito fraca — respondeu a avó.

Foi o que o Lobo quis ouvir! Entrou em casa, correu para a cama e engoliu a avó num instante. Depois, vestiu as roupas da velhinha, cobriu a cabeça com uma toca, correu as cortinas da cama e deitou-se à espera do Capuchinho Vermelho.

Entretanto, a menina continuava na floresta a apanhar flores. Quando já tinha um ramo muito grande voltou ao caminho e continuou a andar para casa da avó.

Quando lá chegou, viu que a porta estava aberta. Surpreendida, entrou na sala e olhou em volta.

— «Por que será que sinto tanto medo? Não é costume sentir-me assim em casa da minha avozinha...» — pensou ela.



Imagem: Gustave Doré

Aproximou-se da cama da avó e correu as cortinas. A avó estava deitada, com a toca na cabeça cobrindo-lhe parte do rosto. Parecia muito estranha...

— Avó, tens umas orelhas tão grandes!

— É para te ouvir melhor.

— Avó, tens uns olhos tão grandes!

— São para te ver melhor.

— Avó, tens umas mãos tão grandes!

— São para te abraçar melhor.

— Avó, tens uma boca tão grande e horrível!

— É para te comer melhor.

Dizendo isto, o Lobo saltou da cama e engoliu a menina. Depois, voltou a deitar-se, adormeceu e começou a rressonar muito alto.

Pouco depois, um caçador passou perto da casa. Ouvia o barulho e achou muito estranho que uma velhinha rressonasse tão alto. Resolveu ir ver o que se passava.

Entrou em casa e deu de caras com o Lobo deitado na cama. Percebeu logo o que se passara e pensou: «Deve ter comido a velhinha, mas talvez ela ainda esteja viva. Não posso dar-lhe um tiro».

Pegou numa tesoura e abriu a barriga do Lobo. Assim que começou a cortar, viu a ponta de um Capuchinho Vermelho. Cortou mais e a menina saltou cá para fora, exclamando:

— Tive tanto medo! Lá dentro está muito escuro...

A avó ainda estava viva e também se salvou.

Então a menina pegou numas pedras bem grandes e pesadas e colocou-as dentro da barriga do Lobo. Quando este acordou tentou fugir, mas não conseguiu porque as pedras pesavam muito. Caiu no chão e morreu.

O caçador ficou com a pele do Lobo. A avó comeu o bolo e bebeu o vinho que a neta lhe tinha trazido. O Capuchinho Vermelho pensou: «Nunca mais vou desobedecer à minha mãe e andar sozinha pela floresta»!

O Príncipe Sapo

Há muito, muito tempo, quando as fadas lançavam bons e maus feitiços, vivia um rei num reino distante que tinha várias filhas, todas muito bonitas. A mais nova, então, era tão linda que até o próprio Sol sorria quando lhe acariciava o rosto com os seus raios.

Perto do palácio havia um bosque cheio de recantos frescos por onde a princesa gostava de passear nos dias quentes. Costumava caminhar por um carreiro até junto de uma nascente. Entretinha-se depois a brincar com uma bola de ouro, o seu brinquedo preferido. Gostava muitíssimo dessa linda bola.

Certo dia, atirou a bola com demasiada força e esta acabou por cair num buraco muito fundo que a água da nascente escavara no chão. A princesa ainda correu atrás dela, mas não conseguiu apanhá-la. Muito infeliz, começou a chorar. Chorou, chorou, sem parar.

— Porque choras assim, linda princesa? — perguntou alguém. — Choras tanto que até as pedras se comovem com a tua infelicidade.

A princesa olhou em redor, mas não viu senão um sapo a espreitar com a cabeça fora de água.

— Ah, és tu que estás a falar, Sapo? — perguntou ela. — Estou a chorar porque a minha bola de ouro caiu nesse buraco.

— Limpa as lágrimas e não chores mais — respondeu o Sapo. — Posso ajudar-te. Mas o que me dás se te trouxer a bola de ouro?

— Dou-te tudo o que quiseres, meu querido Sapo — respondeu. — Os meus lindos vestidos, os meus colares de pérolas e também a coroa de ouro que trago na cabeça.

— E para que me servem os teus vestidos, os teus colares e a tua coroa? Em vez disso, casa comigo. O que desejo é ser teu amigo, brincar contigo, sentar-me à tua mesa, comer do teu prato de ouro, beber da tua taça e dormir na tua cama. Se me prometeres tudo isso, descerei até ao fundo do buraco à procura da tua bola de ouro.

— Sim, sim! — exclamou a princesa. — Prometo tudo isso, mas traz-me a minha bola de ouro!

«Posso prometer qualquer coisa... — pensava ela. — Afinal um sapo só pode viver junto de outros sapos, à beira da água.»

O Sapo nadou até ao fundo da nascente, agarrou na bola e voltou para a margem. Deu dois saltos e largou a bola aos pés da princesa.

A menina apanhou-a e correu para o palácio.

— Espera por mim! — gritou o Sapo. — Leva-me contigo! Não consigo correr como tu.

Pobre Sapo! Estava a perder o seu tempo porque a princesa nem sequer olhou para trás. Nunca mais se lembrou dele... Muito triste, o Sapo voltou para a nascente.

No dia seguinte, quando todos se sentaram à mesa do palácio para jantar e a princesa saboreava as iguarias que tinha no seu prato de ouro, ouviu-se qualquer coisa a trepar com dificuldade as escadarias de mármore, fazendo um ruído estranho: ploque, ploque. Pouco depois, alguém bateu à porta da sala de jantar e uma voz gritou:

— Princesa, linda princesa, abre a porta!

A princesa correu a abrir. Assim que viu o Sapo, fechou rapidamente a porta e voltou a tremer de medo para a mesa. O rei percebeu a aflição da menina e perguntou-lhe:

— O que receias, minha filha? Por acaso está algum gigante atrás da porta, pronto para te levar com ele?

— Oh, não! — respondeu a princesa. — Não é um gigante, é apenas um Sapo horroroso.

— Mas o que quer de ti esse Sapo?

Então a menina contou ao pai o que se passara no dia anterior.

O Sapo continuou a bater à porta, dizendo:

— Princesa, linda princesa, abre a porta! Não te lembras do que me prometeste ontem junto à nascente?

— Minha filha, se prometeste, deves cumprir a promessa — disse o rei. — Abre-lhe a porta.



Imagem: Walter Crane

A princesa obedeceu e o Sapo entrou na sala aos saltinhos, avançando até à cadeira da menina.

— Agora pega-me e põe-me ao teu lado.

A menina hesitou, mas o pai obrigou-a a fazer o que o Sapo pedia. Assim que se viu sentado na cadeira, o Sapo quis subir para cima da mesa. Depois quis que a menina lhe pusesse na frente o prato de ouro e dividisse com ele o seu jantar.

Contrariada, a menina obedeceu. O Sapo repugnava-a e, por isso, não comeu quase nada.

— Não quero comer mais nada. Estou cheio de sono — disse o Sapo. — Leva-me para o teu quarto e deita-me na tua cama.

A princesa começou a chorar. O Sapo causava-lhe repugnância e nem queria imaginar que tinha de dormir na mesma cama que ele!

O rei ficou furioso com a atitude da filha:

— Não deves desprezar quem te ajudou quando precisavas! Obedece!

Vencendo a sua repugnância, a princesa pegou no Sapo com a ponta dos dedos e levou-o para o seu quarto. Largou-o num canto e deitou-se. Mas o Sapo aproximou-se da cama aos saltinhos e disse:

— Estou muito cansado, princesa. Quero dormir na tua cama. Obedece-me, senão conto ao teu pai.

Furiosa, a menina pegou nele e atirou-o com toda a força contra a parede, gritando:

— Já estás satisfeito, Sapo nojento?

Assim que o Sapo bateu na parede, transformou-se num lindo príncipe. Olhou para a princesa com gratidão e ela percebeu que aquele era o noivo que o pai

lhe tinha destinado e que estivera encantado na pele de um sapo.

O príncipe contou-lhe que uma fada má o enfeitiçara e que só ficaria livre se a filha de um rei aceitasse casar com ele, mesmo sob a forma de um sapo.

Na manhã seguinte, o príncipe resolveu levar a noiva para o seu reino. Pouco depois, chegou ao palácio uma linda carruagem puxada por seis cavalos brancos, enfeitados com plumas de avestruz e arreios de ouro. De pé, na parte de trás da carruagem estava Henrique, o criado mais fiel do príncipe. Quando o seu amo fora transformado em sapo, o coração de Henrique inchara de dor e quase rebentara. Para que isso não acontecesse, tiveram que lhe pôr em volta do peito uns aros de ferro. Henrique estava agora muito feliz e ajudou o jovem casal a subir para a carruagem.

Passadas algumas horas de viagem, ouviu-se um estalo.

— O que aconteceu, Henrique? A carruagem partiu-se? — perguntou o príncipe.

— Não, meu senhor — respondeu o criado. — O meu coração ficou tão cheio de alegria pelo vosso regresso que um dos aros de ferro acaba de estalar.

Mais adiante, ouviu-se outro estalo e depois outro. Eram os dois últimos aros de ferro em volta do coração de Henrique que acabavam de estalar. O rapaz estoirava de alegria por ver o seu amo livre do encantamento e muito feliz junto da sua noiva!

A viagem continuou e, quando chegaram ao palácio do príncipe, houve uma grande festa que durou uma semana.

O Ganso de Ouro

Era uma vez um homem que tinha três filhos. O mais novo, a quem chamavam Pateta, estava sempre a ser vítima de troça e era desprezado por todos.

Certa manhã, o filho mais velho resolveu ir cortar lenha à floresta. A mãe preparou-lhe um bolo e deu-lhe uma garrafa de vinho. À entrada da floresta, o rapaz encontrou um velhinho de cabelos brancos que lhe deu os bons-dias.

— Ofereces-me um bocado do teu bolo e deixas-me beber um gole do teu vinho? — perguntou-lhe o homem. — Estou cheio de fome e de sede.

O rapaz respondeu:

— Se te dou do meu bolo e do meu vinho, já não chega para mim. Vai-te mas é à tua vida!

Deixou ali ficar o velho e entrou na floresta.

Quando começou a cortar a primeira árvore, pôs um pé em falso, o machado escorregou-lhe da mão e fez-lhe um golpe no braço. Tinha sido uma praga rogada pelo velhote que encontrara no caminho. O rapaz teve de voltar à pressa a casa e tratar do ferimento.

No dia seguinte, o segundo filho foi igualmente para a floresta, e mãe, tal como fizera ao mais velho, preparou-lhe um bolo e uma garrafa de vinho.

Também este encontrou o velhinho de cabelos brancos, que lhe pediu da mesma forma um bocado do bolo e um gole do vinho, ao que ele respondeu

— Se te der, fico com menos para mim — respondeu ele. — Não me maces!

Deixou lá ficar o velho e entrou no bosque. O castigo não se fez esperar. Logo às primeiras machadadas que deu numa árvore, o machado escapou-se-lhe das mãos e feriu-lhe uma perna. E custou-lhe muito andar até à casa dos pais.

— Deixe-me ir também cortar lenha ao bosque — pediu o Pateta ao pai, no dia seguinte.

— Bem viste que os teus irmãos se magoaram — respondeu o homem. — Como queres ser tu ser capaz? Não, não, não tens jeito para isso.

Mas o Pateta insistiu tanto que, já farto de o ouvir, o pai deu licença.

— Está bem, vai! — disse ele. — Afinal, se te magoares, logo aprendes.

Em vez de bolo e uma garrafa de vinho, a mãe deu-lhe um bocado de pão seco e uma garrafa de cerveja ordinária.

Quando chegou à orla da floresta, o Pateta encontrou o velho de cabelos brancos, que lhe deu os bons-dias.

— Dás-me um bocado do teu bolo e deixas-me beber um gole do que tens na garrafa? — perguntou o homenzinho. — Estou cheio de fome e de sede.

— Só tenho pão seco e cerveja amarga — respondeu o Pateta. — Mas se te serve, ofereço-te de boa vontade. Vamos sentar-nos no chão e comer os dois.

Sentaram-se para comer, mas, abriu o saco, o Pateta verificou que o pão se tinha transformado num magnífico bolo e que a cerveja ordinária se transformara num ótimo vinho. Comeram e beberam, e depois o velho disse ao Pateta:

— Já que mostraste ter bom coração, vou dar-te uma recompensa. Vês este carvalho muito alto? Tens de o cortar, porque há uma coisa para ti escondida debaixo das suas raízes.



Imagem: Wikimedia Commons

Mal disse estas palavras, o velho desapareceu. O Pateta seguiu o conselho do velho e cortou a árvore. Agachado no meio das raízes encontrou um ganso com

as penas todas de ouro. Agarrou nele, meteu-o debaixo do braço e partiu à aventura. Ao entardecer chegou a uma estalagem e resolveu passar ali a noite.

O estalajadeiro tinha três filhas, que ficaram muito admiradas por verem uma ave tão extraordinária. E todas queriam possuir uma pena daquele ganso.

— Hei de arranjar maneira de lhe arrancar ao menos uma — disse para consigo a mais velha.

Esperou que o Pateta se fosse deitar e, à meia-noite, entrou no quarto dele e agarrou ganso pelas asas para lhe arrancar uma pena de ouro. Mas as suas mãos ficaram pregadas às penas da ave e não conseguiu tirá-las.

Apareceu então a mais nova e também quis arrancar uma pena. Aproximou-se do ganso mas, sem querer, roçou no braço da irmã. Mal lhe tocou, nunca mais se pôde soltar. A terceira filha entrou também na sala, com a mesma intenção. As irmãs começaram a gritar:

— Afasta-te de nós, pelo amor de Deus, afasta-te!

Mas a rapariga não compreendeu por que razão não podia aproximar-se das irmãs.

«O que elas querem é arrancar todas as penas a este ganso — pensou para consigo. — Porque não hei de eu fazer o mesmo?»

E agarrou o braço da mais nova. Mal lhe tocou, nunca mais se pôde soltar. As três irmãs tiveram de passar a noite toda junto do ganso, sem se poderem separar umas das outras.

No dia seguinte, de manhã, o Pateta foi buscar o ganso, meteu-o debaixo do braço e foi-se embora, sem se importar com as três raparigas que foram atrás dele. As pobres pequenas eram obrigadas a segui-lo a toda a velocidade para onde quer que lhe apetecesse ir. Andaram assim durante algum tempo através dos campos até que encontraram o cura da aldeia.



Imagem: Arthur Rackham

— Onde é que vocês vão, suas malucas? — perguntou ele quando viu passar o estranho cortejo. — Não têm vergonha de correr dessa maneira atrás de um rapaz? Isso não lhes fica bem, com franqueza!

E o cura tentou puxar a mais nova pela mão. Mas, mal lhe tocou, nunca mais se pôde soltar e não teve mais remédio senão segui-la! Mais adiante, encontraram o sacristão que ficou muito espantado ao ver o cura tomar parte naquela cegada.

— Senhor cura! — gritou ele. — Onde vai com tanta pressa? Não se afaste muito, porque temos hoje um batizado!

E tentou segurar o cura pela manga da batina, mas, mal lhe tocou, nunca mais se pôde soltar e foi obrigado a segui-lo.

Dois lavradores voltavam do campo, com os sacos às costas, e ficaram muito admirados ao ver aquele cortejo. Quando o cura passou por eles, gritou-lhes para irem libertar, mais ao sacristão. Mas, mal os dois camponeses tocaram no sacristão, nunca mais se puderam soltar e foram obrigados também a seguir o cortejo. Eram agora sete pessoas a correr atrás do Pateta e do ganso.

Sempre a correr, chegaram à capital do reino. O rei tinha uma filha tão sisuda que até então ninguém conseguira fazê-la rir, o que afligia muito o pai. Por isso, naquele mesmo dia, mandara apregoar que daria a filha em casamento a quem conseguisse fazê-la rir.

Ao ouvir esta notícia, o Pateta pediu para ir à presença da princesa, com o ganso debaixo do braço e as outras pessoas todas agarradas ao ganso.

Assim que viu entrar o cómico desfile das sete pessoas presas umas às outras atrás do Pateta e do seu ganso, a princesa teve um ataque de riso que nunca mais acabava.

Então, o Pateta foi ter com o rei e pediu-lhe a mão da filha. Mas o rei não queria um genro daqueles. Pôs toda a espécie de dificuldades e, por fim, mandou o Pateta fazer uma coisa que parecia impossível: ordenou-lhe que encontrasse um homem capaz de beber sozinho um tonel de cerveja.

O Pateta lembrou-se do velho que lhe tinha dado o ganso. Dirigiu-se ao bosque e foi ao sítio onde tinha cortado o carvalho. Sentado no tronco estava um homem com um ar muito aborrecido.

O Pateta perguntou-lhe porque estava tão triste.

— Morro de sede — respondeu o homem — e nunca consigo saciá-la. Parece que tenho uma pedra a arder dentro do estômago, por isso não posso beber

água fria, porque me faz mal. E apesar de já ter bebido hoje um tonel de cerveja, para a sede que tenho foi como se molhasse apenas as goelas.

— Eu posso ajudar-te — disse o Pateta. — Vem comigo, e eu arranjo forma de te matar a sede.

O homem seguiu-o até à adega do rei e bebeu até se fartar. Despejou uns poucos de tonéis atrás uns dos outros, até ficar com os braços dormentes. E quando chegou à noite tinha deixado a adega vazia.

O Pateta exigiu novamente ao rei que cumprisse a sua promessa. Mas ele, que não queria de forma nenhuma dar a filha a tão grande pateta, arranjou um pretexto para se livrar uma vez mais, obrigando-o a uma segunda prova. Tinha que encontrar um homem que fosse capaz de comer sozinho uma montanha de pão.

O Pateta não esperou por mais nada. Dirigiu-se logo ao bosque, ao sítio onde deitara abaixo o carvalho. No tronco estava sentado um homem, que apertava o cinto com quanta força tinha.

— Foi inútil comer toda a fornada do padeiro — disse ele ao Pateta. — Pouco me adiantou. O que são algumas migalhas para uma fome do tamanho da minha? Fico logo com o estômago vazio outra vez e tenho de apertar todos os furos do meu cinto para não morrer de fraqueza.

— Levanta-te daí e segue-me — disse o Pateta todo contente. — Vais poder comer à farta.

Levou o homem até ao pátio do palácio. O rei tinha mandado buscar toda a farinha do reino e mandara fazer um pão do tamanho de um monte.

O homem começou a comer e, naquela mesma noite, a montanha de pão desapareceu.

Pela terceira vez, o Pateta reclamou a mão da princesa. Mas o rei, que queria evitar a todo o custo aquele casamento, exigiu uma terceira prova. Tinha que lhe trazer um barco que navegasse tão bem em terra como no mar.

— Se conseguires chegar aqui ao palácio com todas as velas desfraldadas — disse ele ao Pateta — então, desta vez, dou-te a minha filha em casamento.

O Pateta foi direito ao bosque, ao sítio onde cortara o carvalho, e encontrou o velhinho de cabelos brancos com quem dividira o pão e a cerveja.

— Graças à tua bondade, comi e bebi — disse o homenzinho. — Quero recompensar-te por isso. Vou dar-te o barco de que precisas, porque foste caridoso para comigo.

Então o velho deu-lhe um barco que navegava tanto na terra como no mar, e o Pateta chegou ao palácio com todas as velas desfraldadas. O rei teve de cumprir a palavra e deu-lhe a filha em casamento. Celebrou-se a boda e, quando o rei morreu, o Parvo sucedeu-lhe no trono. Os dois esposos viveram muitos anos, felizes e contentes.

Os Sete Corvos

Era uma vez um homem que tinha sete filhos, todos rapazes. Gostava muito deles, mas não era totalmente feliz porque desejava muito ter uma filha. Um dia, a mulher disse-lhe que estava à espera de mais um bebé. Seria desta vez que ia nascer uma menina?

A alegria dos pais foi enorme quando, pouco tempo depois, nasceu uma linda rapariguinha. Mas a alegria depressa se transformou em tristeza, porque a menina era muito pequenina e muito fraca. Temendo o pior, os pais resolveram batizá-la à pressa.

— Leva esta bilha e vai à fonte buscar água para batizarmos a tua irmã — ordenou o pai a um dos filhos.

O rapaz apressou-se a obedecer e os irmãos foram com ele. Como todos queriam encher a bilha, acabaram por a deixar cair no chão, partindo-se em mil bocados. Muito aflitos, sem coragem para enfrentarem o pai, ficaram pregados ao chão, cheios de medo.

— O que andarão eles a fazer? — perguntava o pai, estranhando tanta demora.
— Devem ter-se esquecido do que iam fazer e ficaram a brincar!

O tempo passava e os rapazes não apareciam. Cada vez mais inquieto, com receio que a filhinha morresse sem ser batizada, o pai gritou:

— Ah! Estes meus filhos não têm mais juízo do que um pássaro. Porque foi que não nasceram corvos?

Assim que acabou a frase, ouviu um bater de asas sobre a sua cabeça. Levantou os olhos e viu sete corvos, tão negros como o carvão, que atravessavam o céu, desaparecendo no horizonte.



Imagem: Arthur Rackham

O homem compreendeu o que se passara. O desejo que, inadvertidamente, havia proferido, tinha-se tornado realidade. Já não podia voltar atrás...

Os pais ficaram muito desgostosos com a perda dos filhos, mas esta tristeza foi compensada com a presença da filha que, de dia para dia, se tornava mais forte e mais bonita.

Passaram os anos. A menina não sabia que tinha irmãos porque os pais nunca falaram deles na sua presença. Um dia, porém, ouviu a conversa de duas vizinhas:

— É muito linda, na verdade, mas também é responsável pela desgraça que aconteceu aos sete irmãos.

A menina ficou muito espantada com o que ouviu. Correu para casa e interrogou a mãe e o pai. Os pais não ousaram manter o segredo por mais tempo e contaram-lhe como tudo acontecera. Ela achou que era a causa de todo o sofrimento, mas os pais disseram-lhe que tudo fora obra da fatalidade e o seu nascimento apenas um pretexto para o desenrolar dos acontecimentos.

Porém, a partir daquele instante, a menina pensava sempre nos irmãos e sentia-se responsável pela sua desgraça. Então, achou que devia libertá-los do encantamento que tinha caído sobre eles. Um dia fugiu de casa, resolvida a correr o mundo para encontrar os irmãos. Como recordação dos pais levou um anel que a mãe lhe oferecera. Levou também um bocado de pão para matar a fome, uma cabaça com água e uma esteira para descansar quando estivesse cansada.

Foi andando, andando, até que chegou ao fim do mundo. Era aí que moravam o Sol, a Lua e as Estrelas. Entrou primeiro na casa do Sol. Fazia um calor horrível e o Sol estava com um ar tão zangado que a menina se assustou e fugiu. Entrou a seguir na casa da Lua. Estava frio e a Lua lançou-lhe um olhar gelado. Aterrada, foi refugiar-se na casa das Estrelas.



Imagem: Arthur Rackham

As Estrelas eram amáveis e receberam-na com simpatia. Sentaram-se à sua volta, cada uma no seu banquinho e perguntaram-lhe qual era o motivo da sua visita. Depois de a ouvirem, pensaram numa forma de a ajudar a encontrar os irmãos.

Por fim, a Estrela da Manhã levantou-se e foi buscar uma chave:

— Toma — disse ela. — Esta é a chave que abre a porta da montanha de vidro. É lá que estão os teus irmãos.

A rapariguinha enrolou a chave no lenço com todo o cuidado e partiu. Depois de muito andar, chegou à montanha de vidro. A porta estava fechada à chave, como as Estrelas tinham dito. Pegou no lenço, desenrolou-o mas... a chave não estava lá! Tinha-a perdido. Como podia ela agora ajudar os irmãos? Tinha de entrar na montanha, fosse como fosse!

Pegou numa faca e, com um bocado de madeira que encontrou, talhou uma chave mais ou menos do tamanho da que tinha perdido. Rodou-a na fechadura com muito cuidado e a porta abriu-se.

Muito feliz, entrou na montanha. Pouco depois, encontrou um anãozinho que lhe perguntou:

— Quem procuras, menina?

— Ando à procura de sete corvos que são os meus irmãos — respondeu.

— Suas Excelências, os sete corvos, não estão em casa. Se quiseres esperar por eles, entra para aqui.

A menina entrou na sala que o anão lhe indicou e viu em cima da mesa sete pratos e sete canecas pequeninas. O anão começou a servir o jantar dos corvos. De cada um dos pratos a menina comeu um pouco de comida e, de cada uma das canecas bebeu um gole.



Imagem: Arthur Rackham

Quando chegou à última caneca meteu lá dentro o anel que trouxera consigo.

De repente, ouviu-se o barulho de asas a bater.

— Os senhores corvos estão a chegar — disse o anão.

A menina correu para trás da porta e escondeu-se. Os corvos entraram e voaram direitos à comida, cheios de fome.

— Quem bebeu da minha caneca? — perguntou um deles.

— Quem comeu do meu prato? — perguntou outro.

— Esteve aqui alguém! — exclamou o terceiro.

Os corvos comeram e beberam com sofreguidão, porque estavam cheios de fome.

Quando o sétimo corvo bebeu o último gole da sua caneca, descobriu o anel e viu que era o mesmo que a mãe costumava usar.

— Quem me dera que a nossa irmãzinha estivesse aqui, porque ficávamos livres do nosso encantamento! — exclamou ele.

Então, a menina saiu do esconderijo e, nesse mesmo instante, os corvos voltaram à forma humana.

Muito felizes, os irmãos beijaram-se e abraçaram-se. Depois, regressaram todos a casa, onde os pais os receberam com lágrimas de felicidade.

Branca de Neve

Há muitos anos, num distante reino, vivia um rei com a sua filhinha à qual pôs o nome de Branca de Neve. Era uma menina muito bonita. Passado algum tempo o rei enviuvou. Mais tarde voltou a casar com uma mulher belíssima, mas extremamente cruel e, além disso, feiticeira, que desde o primeiro dia tratou muito mal a menina.

Quando o rei morreu, a feiticeira, vendo que a Branca de Neve estava muito bonita, deu-lhe a fazer todo o trabalho de casa. A rainha tinha um espelho mágico e todos os dias lhe perguntava quem era a mulher mais bonita do mundo. De todas as vezes o espelho respondia que era ela. Um dia, ao fazer a habitual pergunta, o espelho respondeu:

— Tu és bela, mas a Branca de Neve é muito mais.



Imagem: Arthur Rackham

Louca de ciúmes, a malvada rainha ordenou a um dos seus servidores que fosse com a Branca de Neve até ao bosque e lhe tirasse a vida. Como prova de que havia cumprido tão infame ato, deu-lhe um cofrezinho para trazer o coração de Branca de Neve. Quando o servidor ia cometer o horrível crime, teve pena da pobre princesinha e poupou-lhe a vida, mas preveniu-a que fugisse para o mais longe possível. Depois, para poder levar à rainha uma prova que havia obedecido às suas ordens, caçou um veado e colocou o coração do animal dentro do cofre.

Branca de Neve andou pelo bosque até ao anoitecer e, quando estava muito cansada, deixou-se cair numa pequena clareira, onde adormeceu profundamente. No dia seguinte, quando acordou, viu-se rodeada pelos pequenos animais da floresta, dos quais ficou logo amiga. Quando lhes contou o que tinha sucedido e que não tinha para onde ir, os animaizinhos fizeram-lhe sinal para os seguir. Depois de muito caminhar, chegaram a uma casinha no centro do bosque.

Dentro, tudo era pequeno. Tanto as mesas, como as cadeiras, como as caminhas que havia no andar superior, eram diminutas. Por todo o lado reinava a desordem e tudo estava sujíssimo. Pelo tamanho das coisas e dos móveis, a princesa pensou que a casa seria habitada por crianças. Ajudada pelos animaizinhos que a acompanhavam, não tardou a ficar toda arrumada. As roupas limpas, os móveis sem pó e os utensílios de cozinha brilhavam de tão limpos estarem. Pouco depois um alegre fogo ardia na lareira. Branca de Neve estava cansada. Foi para o piso superior e, juntando três caminhas, deitou-se. Pouco depois adormeceu.



Imagem: Arthur Rackham

Quando anoitecia, sete pequenas personagens encaminhavam-se para a casa do bosque cantando uma alegre canção. Eram os donos da casa onde Branca de Neve descansava, mas não eram crianças, eram sete anõeszinhos. Todos eles, menos um, tinham as barbas muito brancas. Vinham de trabalhar na sua mina de diamantes, cuidadosamente escondida no bosque. Quando chegaram à casinha ficaram surpreendidos ao verem as luzes acesas e tudo tão limpo e arrumado. Começaram a revistar toda a casa. De repente encontraram Branca de Neve, que ainda dormia. Quando a princesinha acordou, eles apresentaram-se: o Dorminhoco, o Envergonhado, o Miudinho (o único que não tinha barbas), o Feliz, o Atchim, o Sabichão e o Rezingão. Ela contou-

lhes todas as aventuras por que tinha passado. Os anõeszinhos reuniram-se e resolveram tomar conta dela. Naquela noite, preparou-lhes uma boa ceia e, a seguir, fizeram uma festa em que todos cantaram e dançaram.

A malvada rainha não tardou, por meio do seu espelho mágico, a saber que Branca de Neve continuava a ser a mulher mais bonita do Mundo, e o lugar onde se encontrava. Louca de fúria, decidiu acabar pessoalmente com a vida da princesinha. Para isso, utilizando um líquido, envenenou uma maçã. Quando Branca de Neve a mordesse cairia de sono, como morta. Só poderia despertar se recebesse um beijo de amor. Assim, a rainha foi até à casinha dos anõeszinhos, decidindo aproximar-se de Branca de Neve quando os seus companheiros fossem para o trabalho. Quando os viu partir, foi junto da princesinha com a desculpa de pedir-lhe um copo de água. Depois, mostrando vontade de recompensá-la, deu-lhe a maçã envenenada. Branca de Neve mordeu-a e caiu no chão.



Imagem: Sneewittchen, Scholz' Künstler-Bilderbuc

Avisados pelos animaizinhos do bosque, os sete anões correram para casa. Todos traziam as suas ferramentas e paus para defenderem a sua querida princesinha. Quando chegaram junto da sua amiguinha viram que estava caída no chão como morta e a horrível bruxa que fugia. Imediatamente se lançaram em sua perseguição com vontade de a castigar como merecia. A madrasta, para escapar aos seus perseguidores, escalou uma alta montanha. Foi a sua perdição, pois escorregou e caiu no abismo onde encontrou o seu fim. Justo castigo para as suas muitas maldades. Os anõezinhos regressaram para junto de Branca de Neve. Deitaram-na numa cama e choraram a perda da sua amiga.



Arthur Rackham

Estavam junto da princesa quando por ali passou um príncipe que os ouviu chorar e parou para averiguar o que tinha sucedido. Ao ver a belíssima Branca de Neve deitada no seu leito aproximou-se dela e deu-lhe um beijo de amor. Este beijo quebrou o feitiço e a princesa despertou. A alegria dos anõezinhos foi enorme. A sua boa amiguinha estava viva. O príncipe pediu a Branca de

Neve que casasse com ele. Assim, e depois de se despedir dos seus pequenos amigos, o feliz casal encaminhou-se para o palácio do príncipe.

Alguns dias depois efetuou-se o casamento. Para grande alegria e surpresa da Branca de Neve os sete anõezinhos estavam presentes na festa.

A Rainha das Abelhas



Imagem: Arthur Rackam

Certa vez, dois filhos de rei saíram em busca de aventuras e entregaram-se a uma vida tão desregrada e dissoluta que nem se lembravam de voltar para casa. O mais novo, a quem chamavam João Simplório, saiu à procura dos irmãos; quando finalmente os encontrou, estes troçaram dele, porque, sendo tão ingênuo, pensava em vencer na vida, enquanto eles, muito mais espertos, não tinham conseguido.

Mesmo assim, aceitaram a sua companhia e puseram-se os três a caminho. Passado algum tempo, chegaram a um formigueiro, e os dois irmãos mais velhos quiseram destruí-lo para ver as formigas fugirem alvoroçadas, mas o João Simplório disse-lhes:

— Deixai os bichinhos em paz, eu não suporto que lhes façais mal.

Continuaram a caminhar e chegaram a um lago onde nadavam, muitos patos. Os dois irmãos queriam matar alguns para comer, mas o João Simplório não consentiu e disse:

— Deixai os bichinhos em paz, eu não suporto que eles sejam mortos.

Por fim, chegaram a uma colmeia, onde havia tanto mel que escorria pelo tronco da árvore. Os dois quiseram acender uma fogueira por baixo para sufocar as abelhas e poder tirar o mel. O João Simplório tornou a impedir, dizendo:

— Deixai os bichinhos em paz, eu não suporto que eles sejam queimados.

Por fim, os três irmãos chegaram a um castelo. Nas cavaliças havia cavalos de pedra, e não aparecia pessoa alguma. Eles passaram por todas as salas até que, no fim, encontraram uma porta com três fechaduras. No meio da porta havia, porém, um burquinho por onde se podia espiar o aposento. Viram lá dentro um homenzinho grisalho, sentado diante de uma mesa. Eles chamaram-no uma, duas vezes, mas o homenzinho não ouviu. Quando o chamaram pela terceira vez, ele levantou-se, abriu as fechaduras e saiu. Não disse uma palavra, mas levou-os a uma mesa ricamente preparada. Tendo os três irmãos comido e bebido, o homenzinho conduziu cada um ao seu quarto de dormir.

Na manhã seguinte, o homenzinho grisalho chegou-se ao mais velho e por meio de sinais pediu-lhe que o seguisse até uma placa onde estavam escritas três tarefas que poderiam quebrar o feitiço do castelo. A primeira tarefa era recolher, sob o musgo da floresta, mil pérolas da Princesa que estavam lá espalhadas. A tarefa tinha de ser cumprida até ao pôr do sol e, se faltasse apenas uma pérola, a tarefa não estaria cumprida, sendo ele transformado em pedra. O mais velho dos irmãos foi então para a floresta e procurou o dia inteiro. Como, porém, o dia chegou ao fim e ele só tinha encontrado cem pérolas, aconteceu o que estava escrito na placa, e transformou-se em pedra.

No dia seguinte, o segundo irmão assumiu a tarefa, mas não se saiu melhor que o mais velho, pois só achou duzentas pérolas e acabou transformado em pedra.



Imagem: Walter Crane

Por fim chegou a vez do João Simplório, que começou a procurar no musgo; mas era tão difícil encontrar as pérolas e demorava tanto, que se sentou numa pedra e começou a lamentar-se. Nisto, apareceu o rei das formigas, cuja vida ele salvara. Vinha acompanhado de cinco mil formigas e logo as pequenas criaturas reuniram milhares de pérolas, entregando-as todas de uma vez. Mas a segunda tarefa era ir apanhar, no fundo do lago, a chave do quarto da filha do

rei. Quando o João Simplório chegou ao lago, encontrou os patos que ele uma vez salvara, e logo mergulharam e apanharam a chave lá no fundo.



Imagem: Arthur Rackham

A terceira tarefa era a mais difícil, pois das três filhas do rei que estavam a dormir ele devia escolher a mais nova. Elas eram, porém, completamente iguais, não tendo nada que as distinguisse uma da outra, a não ser por terem

comido, antes de dormir, três doces diferentes: a mais velha, um torrão de açúcar; a segunda, um pouco de melaço; e a mais jovem, uma colherada de mel. Então chegou a rainha das abelhas, que o João Simplório havia protegido do fogo, e foi provando da boca de todas três; por fim ficou pousada na boca da que havia comido mel, e assim o João Simplório reconheceu qual era a princesa certa. Com isso, o feitiço desfez-se, tudo no castelo despertou daquele sono, e quem se tinha transformado em pedra retomou a sua forma. O João Simplório casou-se com a princesa mais jovem que, por sua sabedoria e prudência, sucedeu ao pai no trono. Os seus irmãos mudaram de vida, comportando-se dignamente e casando-se com as outras duas princesas.

A Serpente Branca



Imagem: Walter Crane

Há muitos, muitos anos, vivia um rei muito celebrado por sua sabedoria. Nada era oculto para ele. Era como se o conhecimento das coisas mais secretas chegasse até ele pelo ar. Mas tinha um estranho costume. Quando a refeição do meio-dia acabava, a mesa era tirada e não havia mais ninguém presente, um criado de confiança trazia-lhe um prato a mais. Esse prato era coberto. Nem mesmo o criado sabia o que havia ali dentro. Nem ele nem mais ninguém, porque o rei só tirava a tampa e comia depois de ficar sozinho.

Um dia o criado não aguentou mais a curiosidade e secretamente levou o prato para o seu quarto, trancou a porta com cuidado e, quando levantou a tampa, viu que dentro havia uma serpente branca.

Depois de ver a cobra, não resistiu a provar semelhante iguaria. Cortou um pequeno pedaço e o pô-lo na boca. Assim que o pedacinho da serpente tocou a língua dele, o criado começou a ouvir estranhos sussurros do lado de fora da janela. Quando se debruçou para ver o que era, descobriu que as vozes que murmuravam eram de pardais a conversar, contando uns aos outros o que tinham visto pelos bosques e campos. Provar a serpente tinha-lhe dado o poder de entender a linguagem das aves e dos animais.

Ora, aconteceu que justamente naquele dia desapareceu o melhor anel da rainha. Como o criado de confiança tinha toda a liberdade para ir onde bem entendesse no palácio, suspeitaram que fosse ele o ladrão. O rei mandou-o chamar e ameaçou-o, dizendo que, a não ser que ele desse o nome do ladrão até ao dia seguinte, seria considerado culpado e decapitado. Não adiantou ao criado jurar inocência. O rei mandou-o embora sem uma palavra de consolo.

Com medo e sentindo-se desgraçado, foi até ao quintal e ficou a pensar, vendo se encontrava uma maneira de sair daquela situação. Alguns patos estavam calmamente sentados à beira de um riacho, à vontade, alisando-se com o bico e a conversarem uns com os outros. O criado parou e escutou. Cada um dizia aos outros o que tinha acontecido em todos os lugares por onde tinha nadado naquela manhã, e toda a comida saborosa que tinha comido. Mas um deles disse, queixoso:

— Estou com um peso no estômago... Estava a comer tão depressa que engoli um anel que estava no chão por baixo da janela da rainha...

O criado rapidamente agarrou o pato pelo pescoço, levou-o para a cozinha e disse ao cozinheiro:

— Olha só que pato tão gordo... Diz lá se não está bom para assar.

— É mesmo... — disse o cozinheiro, pesando o pato com a mão. — Já que ele se esforçou para ganhar tanto peso, é tempo de ir para o forno.

Cortou o pescoço do pato e depois, enquanto estava a limpá-lo para antes de o assar, encontrou o anel da rainha no estômago dela. Com isso, não foi difícil o criado convencer o rei de sua inocência.

Querendo reparar a injustiça que tinha feito, o rei perguntou-lhe se havia alguma coisa que ele desejasse e ofereceu-lhe o cargo que ele quisesse escolher na corte.

O criado recusou todas as honras e disse que só queria um cavalo e um pouco de dinheiro, porque desejava viajar e conhecer o mundo. O rei deu-lhe o que pediu, e o criado partiu.

Um dia, passando por um lago, viu três peixes presos nuns caniços e que estavam a ficar sem água. Dizem que os peixes são mudos, mas ele ouviu muito bem como eles gemiam, lamentando-se da morte horrível que os esperava. Como era um bom sujeito, o criado desceu do cavalo e pôs os três cativos novamente na água. Estes puseram então as cabecinhas de fora, abanando-se de alegria, e disseram:

— Vamos lembrar-nos disto e recompensar-te por nos ter salvado.



Imagem: Arthur Rackham

O criado continuou o seu caminho e, pouco depois, ouviu uma voz que vinha do chão. Prestou atenção e ouviu a queixa do rei das formigas:

— Se os humanos conseguissem manter os seus animais desajeitados bem longe de nós, seria ótimo! Este cavalo estúpido com esses cascos imensos e pesados está a esmagar o meu povo sem piedade...

Ouvindo isso, o criado saiu por um caminho lateral, e o rei das formigas gritou:

— Vamos lembrar-nos disto e recompensar-te...

O caminho levava a uma floresta. Lá, ele viu um casal de corvos empurrando os filhotes para fora do ninho:

— Fora, seus marotos! — gritavam. — Não podemos continuar a encher-vos as barrigas. Já estais bem grandinhos para procurardes a vossa própria comida.

Os pobres filhotes batiam as asas desajeitados e não conseguiam levantar-se do chão.

— Ainda somos filhotes indefesos... — gritavam. — Como é que podemos arranjar comida se ainda nem sabemos voar? Vocês vão nos fazer morrer de fome!

Ouvindo isso, o bondoso jovem apeou-se, matou o cavalo com a espada e deu a sua carne para alimentar os pequenos corvos. Eles vieram saltitando, comeram até se fartar, e disseram:

— Vamos lembrar-nos disto e recompensar-te.

Daí para a frente, ele teve de usar as pernas. Depois de muito caminhar, chegou a uma grande cidade. As ruas estavam cheias de barulho e movimento. Um homem a cavalo anunciava que a filha do rei estava a procura de marido, mas que quem quisesse pedir a mão dela precisava primeiro de cumprir uma tarefa muito difícil e, se falhasse, perderia a vida. Muitos já tinham tentado, mas arriscaram a vida à toa.

Quando o jovem viu a filha do rei, ficou tão estonteado com a beleza dela que se esqueceu do perigo, foi até junto do rei e apresentou-se como pretendente.

Foi levado diretamente à beira do mar. Lá, diante dos seus olhos, atiraram à água um anel de ouro. Depois, o rei disse-lhe que ele precisaria de ir buscar o anel lá no fundo. E acrescentou:

— Se saíres da água sem ele, será de novo atirado para lá, tantas vezes quantas necessário, até morreres nas ondas.

Os cortesãos ficaram todos com pena do jovem e lamentaram sua sorte. Depois, deixaram-no sozinho na praia.

Ele ficou um pouco ali parado, pensando no que ia fazer. De repente, viu três peixes nadando na sua direção — justamente os três cujas vidas ele tinha salvado. O do meio tinha uma concha na boca. Depositou-a na praia, junto aos pés do rapaz.

Quando ele pegou na concha e a abriu, viu que dentro estava o anel de ouro.

Todo contente, levou o anel até ao rei, esperando receber a recompensa prometida. Mas a princesa era muito petulante e, quando viu que ele era inferior a ela em nascimento, desprezou-o e disse que ele ia precisar de cumprir uma segunda tarefa.

Desceu até ao jardim e espalhou dez sacos de farelo no meio da relva.

— Vais ter de recolher tudo isso até amanhã, antes de o Sol nascer — disse ela —, sem faltar nem um grãozinho.

O rapaz sentou-se no jardim e começou a pensar numa forma de cumprir a tarefa, mas não lhe ocorria nada. E lá ficou ele, tristíssimo, esperando que o levassem para a morte quando o dia nascesse. Mas quando os primeiros raios do sol chegaram ao jardim, ele viu que os dez sacos estavam de pé, cheios até a borda, sem faltar nem um grãozinho. O rei das formigas tinha vindo durante a noite, com milhares e milhares de formigas, e os bichinhos agradecidos tinham juntado todos os grãos de farelo dentro dos sacos outra vez.

A filha do rei veio em pessoa até o jardim e ficou espantadíssima de ver que a tarefa tinha sido cumprida. Mas seu coração prosa ainda se recusava a se render.

Por isso, ela disse:

— Ele cumpriu as duas tarefas. Mas não será meu marido enquanto não me trouxer um fruto da árvore da vida.

O rapaz nem sabia onde ficava essa árvore da vida. Partiu à sua procura, resolvido a andar até onde as pernas o levassem, mas sem qualquer esperança de a encontrar.

Uma noite, depois de procurar por três reinos, ele chegou a uma floresta. Sentou-se debaixo de uma árvore e estava quase a adormecer quando ouviu um barulho nos galhos e uma fruta de ouro caiu-lhe nas mãos. Ao mesmo tempo, três corvos desceram voando da árvore, pousaram-lhe nos joelhos e disseram:

— Nós somos os filhos de corvo que tu não deixaste morrer de fome. Quando crescemos e ouvimos dizer que estavas à procura da fruta de ouro, voámos por cima do mar até o fim do mundo, onde cresce a árvore da vida, e apanhámos a fruta.



Imagem: Walter Crane

Muito contente, o rapaz voltou para casa. Deu a fruta de ouro à princesa e, depois disso, ela já não tinha mais desculpas. Dividiram a fruta da vida e a comeram juntos. Aí o coração dela se encheu-se de amor por ele, e os dois viveram felizes para sempre.

A Raposa e o Gato

Um dia, o gato encontrou a raposa no bosque e disse para si mesmo: vou cumprimentá-la. Ela é tão inteligente, tão experiente, tão respeitada por todo mundo...

E fez uma saudação amigável:

— Bom dia, querida Dona Raposa! Como tem passado?



Imagem: Arthur Rackham

A raposa ficou inchada de orgulho. Olhou o gato de alto a baixo e levou algum tempo para resolver se respondia ou não.

Finalmente disse:

— Dobra a língua, seu patife lambedor de bigodes, seu palhaço de meia-tigela, seu pilantra caçador de ratos, não tens vergonha? Quem pensas que és? Como ousas perguntar-me como eu tenho passado? Quem és tu? Que é que tu sabes? O que aprendeste? Que artes dominas?

— Só uma — respondeu o gato, modestamente.

— E qual é?

— Quando os cães correm atrás de mim, consigo escapar, subindo para cima de uma árvore.

— Só isso? — disse a raposa. — Pois eu sou senhora de mil artes e além disso tenho um monte de truques que dariam para encher um baú... Fico de coração apertado só de pensar como tu és indefeso. Venha comigo, vou-te ensinar a fugir dos cães.

Justamente nesse momento, apareceu um caçador com quatro cães. O gato deu um pulo rápido para o tronco de uma árvore e foi lá para cima, para o meio da copa, onde as folhas e os galhos o esconderam por completo.

— Abra o baú, Dona Raposa, abra o baú! — gritava o gato.

Mas não adiantou nada. Os cães já tinham agarrado a raposa, que estava bem presa e imóvel nas patas deles.

— Que pena, Dona Raposa! — disse o gato. — Veja a encrenca em que a senhora está, com todas as suas mil artes. Se pelo menos soubesse subir às árvores, como eu, salvava a vida...

Os Dois Irmãos

Era uma vez dois irmãos, um rico e outro pobre. O rico era ourives e malvado até não poder mais. O pobre ganhava a vida fabricando vassouras e era bom e honesto.

O pobre tinha dois filhos, dois gémeos iguaizinhos como duas gotas de água. De vez em quando, eles iam até à casa do rico e, às vezes, ganhavam umas sobras de comida.

Um dia, o fabricante de vassouras foi até ao bosque apanhar uns gravetos de bétula e viu um pássaro todo dourado, mais bonito do que qualquer outra ave que ele jamais tivesse visto. Pegou numa pedra e atirou-a ao pássaro, atingindo-o de raspão. Uma pena caiu ao chão e o animal voou e foi-se embora.

O homem pegou na pena e levou-a até ao irmão, que olhou para ela e disse:

— Mas é de ouro puro!

E deu muito dinheiro por ela.

No dia seguinte, o fabricante de vassouras subiu a uma bétula, para arrancar alguns galhos. De repente, viu o mesmo pássaro saindo a voar da árvore. Olhou em volta e acabou por encontrar um ninho com um ovo dentro, um ovo de ouro. Pegou no ovo, levou-o para casa e o mostrou-o ao irmão, que mais uma vez disse:

— É de ouro puro!

E deu-lhe de novo uma elevada quantia por ele.

Finalmente, o ourives disse:

— Gostaria de ter esse pássaro.

Pela terceira vez, o fabricante de vassouras foi até ao bosque. Novamente, viu o pássaro dourado, desta vez pousado num galho, e, atirando-lhe uma pedra nele, matou-o. Levou o pássaro ao irmão, que novamente lhe deu um dinheirão.

Agora vou poder refazer a vida — pensou o fabricante de vassouras. E foi para casa.

Acontece que o ourives era esperto e sabia que tipo de pássaro era aquele. Chamou a mulher e disse:

— Quero que asses este pássaro com todo cuidado e não deixes perder nem um pedacinho dele. Quero comê-lo todo, sozinho. Fica a saber que este pássaro não era como os outros. Tinha uma coisa maravilhosa: quem lhe comer o coração e o fígado passará a achar, todas as manhãs, uma moeda de ouro debaixo do travesseiro.

A mulher limpou o pássaro e o pô-lo num espeto para assar. Enquanto assava, ela teve de sair da cozinha por causa de algum outro trabalho, e nesse e momento chegaram os filhos do fabricante de vassouras. Pararam em frente ao fogo, rodaram o espeto algumas vezes e, quando dois pedacinhos pequenos caíram na panela, um dos dois rapazes disse:

— Vamos comer esses pedacinhos? Estou com tanta fome... E ninguém vai reparar.

E puseram os dois pedacinhos na boca.

Quando a mulher voltou, viu que eles tinham comido alguma coisa e perguntou:

— O que é que vocês estiveram a comer?

— Uns pedacinhos que caíram dessa ave — disseram eles.

— Eram o coração e o fígado! — gritou a mulher, aflita.

Como ela não queria que o marido desse pela falta e ficasse zangado, rapidamente matou um frango, tirou o coração e o fígado e os pô-los dentro do pássaro dourado. Quando a ave ficou pronta, ela serviu-a ao ourives, que comeu tudo sozinho. Mas na manhã seguinte, quando ele pôs a mão debaixo do travesseiro, esperando encontrar uma moeda de ouro, não havia nada diferente de todos os outros dias.

Os dois meninos nem desconfiavam de sua boa sorte. Quando se levantaram no dia seguinte, alguma coisa caiu no chão, tilintando. Quando olharam, viram que eram duas moedas de ouro. Mostraram-nas ao pai, que ficou muito espantado:

— Que será isso? — perguntou. Mas, no dia seguinte, quando acharam outras duas, e mais duas na manhã a seguir, e assim por diante, ele resolveu ir procurar o irmão e contar aquele caso estranho.

Imediatamente, o ourives descobriu que as crianças tinham comido o fígado e o coração do pássaro dourado. Mas ele era um homem invejoso e sem piedade e, para se vingar, disse ao pai dos meninos:

— Os teus filhos fizeram um pacto com o diabo. Não fiques com esse ouro, nem deixes que ele fique guardado em tua casa, porque o diabo já se apossou dos teus filhos e, se não tomares cuidado, vai acabar por te destruir também.

O pai tinha muito medo do diabo. Por mais que lhe custasse fazer uma coisa dessas, levou os gémeos para a floresta e lá, com o coração apertado, abandonou os dois.

As crianças andaram e andaram, procurando o caminho de casa, mas não o conseguiram achar. Quanto mais andavam, mais se perdiam. Finalmente, encontraram um caçador, que perguntou:

— Quem são vocês? De onde é que vocês vêm?

— Somos os filhos do pobre fabricante de vassouras — responderam.

E contaram-lhe que o pai não podia ficar com eles em casa, porque todas as manhãs apareciam duas moedas de ouro debaixo dos travesseiros deles.

— Não há nada de mal nisso — disse o caçador —, desde que vocês continuem a ser bons e honestos e não comecem a ficar preguiçosos.

O bom homem gostou das crianças. Como não tinha filhos, resolveu tomar conta dos meninos e disse:

— Eu vou ser vosso pai e tomarei conta de vós.

E fez isso mesmo: criou os dois e ensinou-os a caçar. Eles continuaram a achar moedas de ouro todas as manhãs, mas o caçador guardava-as com cuidado, para o caso de algum dia eles precisarem.

Um dia, quando eles já tinham crescido e estavam uns homens feitos, o pai adotivo levou-os à floresta e disse:

— Hoje eu vou testar a vossa perícia como atiradores. Se passardes no teste, deixareis de ser aprendizes e eu vou declarar-vos mestres-caçadores.

Foram todos para o esconderijo de caça e ficaram muito tempo à espera, escondidos, mas não apareceu nenhum animal. Depois, o caçador viu que vinha no céu um bando de gansos selvagens, voando numa formação em triângulo, e disse a um dos rapazes:

— Abate um em cada ponta.

O rapaz acertou e passou no teste.

Daí a pouco, outro bando chegou, desta vez voando na forma do número dois. O caçador disse ao outro irmão que acertasse num ganso em cada canto, e ele também passou no teste. Diante disso, o pai de criação exclamou:

— Muito bem! Sois agora mestres-caçadores.

Então os dois irmãos foram juntos para a floresta, pensaram, conversaram muito e combinaram um plano. De noite, disseram ao pai adotivo:

— Resolvemos que não vamos tocar num único bocado de comida enquanto o senhor não nos fizer um favor.

— E qual é esse favor? — perguntou ele.

— Já aprendemos bem nosso ofício — replicaram. — Agora devemos pôr-nos à prova, a nós mesmos. Queremos sair para correr mundo.

O velho ficou feliz e respondeu:

— Falais como caçadores de verdade. Era isso mesmo o que eu esperava. Podeis ir. Tenho certeza de que tudo vai correr bem.

E então eles comeram e beberam juntos, muito alegres.

Quando chegou o dia em que tinham resolvido partir, o pai adotivo deu a cada um uma boa arma e um cão, e disse-lhes que levassem com eles todas as moedas de ouro que quisessem, daquelas que estavam guardadas. Seguiu com eles uma parte do caminho e, na despedida, deu aos dois uma faca com a lâmina muito brilhante.

— Se algum dia vos separardes — recomendou —, enfiai esta faca numa árvore na encruzilhada. Dessa maneira, se um de vós voltar, vai poder saber como está o irmão ausente, porque o lado da lâmina que estiver na direção em que ele foi vai enferrujar se ele morrer. Mas, enquanto ele estiver vivo, continuará brilhante.

Os dois irmãos continuaram, indo cada vez mais para longe, e chegaram a uma floresta tão grande que não foi possível atravessá-la num único dia. Pararam para passar a noite e comeram o que tinham nos seus sacos de caça. Depois, caminharam outro dia inteiro, mas ainda não conseguiram chegar ao fim da floresta. Não tinham mais nada para comer e um dos irmãos disse:

— Vamos ter de abater alguma caça ou ficar com fome.

Carregou a arma e olhou em volta. Quando uma velha lebre apareceu, ele fez pontaria, mas a lebre gritou:

— Bom caçador, deixa-me viver e dou-te em troca dois pequenos.

Saiu a correr para dentro de uma moita e voltou com dois filhotes de lebre.

As lebrinhas brincavam tão alegres e eram tão engraçadas que os caçadores não tiveram coragem de matá-las. Então, resolveram poupá-las e elas começaram a segui-los.

Daí a pouco, apareceu uma raposa. Eles iam disparar, mas a raposa gritou:

— Bom caçador, deixa-me viver e dou-te em troca dois pequenos.

É claro que, em seguida, trouxe duas raposinhas. De novo, os caçadores não tiveram coragem de matá-las e disseram que elas podiam fazer companhia às lebres.

Não tinha se passado muito tempo e um lobo saiu do mato. Os caçadores apontaram a arma, mas o lobo gritou:

— Bom caçador, deixa-me viver e dou-te em troca dois pequenos.

Os caçadores puseram os dois lobinhos com os outros animais e todos foram andando atrás deles.

Depois apareceu um urso, que queria continuar a viver e gritou:

— Bom caçador, deixa-me viver e dou-te em troca dois pequenos.

Os dois ursinhos foram levados para junto dos outros bichos, e agora já eram oito. E quem veio no fim de todos? Apareceu um leão, sacudindo a juba. Mas não assustou os caçadores. Eles fizeram pontaria e, bem como os outros tinham feito, o leão disse:

— Bom caçador, deixa-me viver e dou-te em troca dois pequenos.

Também trouxe os dois filhotes dele e agora os caçadores tinham dois leões, dois ursos, dois lobos, duas raposas e duas lebres que iam atrás deles e os serviam.

Só que isso não matava a fome. Então eles disseram às raposas:

— Toda gente sabe que vocês são espertas e sabidas. Pois então, tratai de nos arranjar comida.

Elas responderam:

— Perto daqui há uma aldeia onde já nos servimos de galinhas, uma ou duas vezes. Vamos mostrar-vos o caminho.

Assim, eles foram até à aldeia, compraram alguma coisa para comer, deram comida também aos animais e continuaram a viagem. As raposas conheciam bem a região, porque já tinham andado a vigiar todos os galinheiros por ali. Por isso, sabiam sempre mostrar o caminho aos caçadores.

Andaram a esmo durante algum tempo, mas os caçadores não conseguiram encontrar nenhum emprego que permitisse que todos ficassem juntos. No fim, disseram:

— Assim não dá. Vamos ter de nos separar.

Dividiram os animais, de modo que cada um ficou com um leão, um urso, um lobo, uma raposa e uma lebre. Depois, despediram-se, prometeram amar-se como bons irmãos até à morte, e enfiaram numa árvore a faca que o pai adotivo lhes tinha dado. Depois, um foi para leste, outro foi para oeste.

Seguido pelos seus animais, um dos irmãos chegou a uma cidade que estava cheia de faixas de crepe preto dependuradas por toda parte. Foi até uma estalagem e perguntou onde podia deixar os animais. O estalajadeiro levou-os para um celeiro que tinha um buraco na parede. A lebre esgueirou-se pelo buraco e acabou por conseguir um repolho. A raposa apanhou uma galinha e, depois de comer, acabou por apanhar também um galo. O lobo, o urso e o leão eram grandes demais para passar pelo buraco, por isso o estalajadeiro teve de levá-los até um lugar onde havia uma vaca deitada no pasto, e eles comeram até se fartar. Finalmente, quando todos os animais já estavam alimentados e abrigados, o caçador perguntou ao estalajadeiro porque é que toda a cidade estava de luto. O estalajadeiro respondeu:

— Porque a filha única do nosso rei vai ter de morrer amanhã.

— Ela está assim tão doente? — perguntou o caçador.

— Não — disse o estalajadeiro. — Ela goza de ótima saúde, mas, de qualquer forma, vai morrer.

— Como pode ser uma coisa dessas? — quis saber o caçador.

— Não muito longe da cidade, existe uma montanha. Nessa montanha vive um dragão e todos os anos ele precisa de ter uma donzela imaculada. Se não, ele devasta todo o país. Já todas as donzelas foram dadas ao dragão, agora só

resta a filha do rei. Por isso, filha do rei ou não, ela não pode ser poupada. Amanhã, ela vai ser entregue ao dragão.

— Mas por que é que ninguém mata esse dragão? — perguntou o caçador.

— É uma história muito triste — disse o estalajadeiro. — Muitos cavaleiros já tentaram, mas todos perderam a vida. O rei prometeu a mão da sua filha em casamento a quem matar o dragão e, além disso, o reino todo de herança quando o velho rei morrer.

O caçador não disse mais nada. Porém, no dia seguinte, saiu com os animais e escalou a montanha do dragão. Lá no alto, havia uma igreja e no altar havia três taças, cheias até a borda, e ao lado havia uma inscrição que dizia:

«Quem esvaziar estas taças será o homem mais forte da terra e poderá brandir a espada que está enterrada do lado de fora da porta.»

O caçador não bebeu. Saiu e encontrou a espada enterrada, mas não conseguiu arredá-la do lugar. Voltou e esvaziou as taças. Aí ficou bem forte, conseguiu tirar a espada do chão e manejá-la à vontade.

Quando chegou a hora de entregar a donzela ao dragão, vieram com ela o rei, o marechal e toda a corte. De longe, ela avistou o caçador na montanha do dragão e achou que era o dragão à espera dela. Não queria subir, mas isso ia ser a desgraça de toda a cidade. Finalmente, ela acabou por se conformar e começou a amarga subida. Chorando, o rei e os cortesãos voltaram para casa, mas o marechal ficou, pois tinha instruções de acompanhar tudo à distância.

No momento em que a filha do rei alcançou o alto da montanha, viu que quem estava lá à espera dela não era o dragão, mas o jovem caçador, que a consolou e prometeu salvá-la.

Para começar, ele levou-a para a igreja e a trancou-a lá dentro. Daí a pouco, o dragão de sete cabeças arremeteu com um poderoso rugido. Quando viu o caçador, ficou surpreso e perguntou:

— O que é que estás a fazer na minha colina?

O caçador respondeu:

— Vim para te derrotar.

O dragão disse:

— Alguns cavaleiros já morreram aqui em cima, e num instante vou também dar cabo de ti.

Dizendo isso, cuspiu chamas pelas suas setes goelas. A ideia dele era incendiar a erva seca que por ali havia, de modo que o caçador morresse sufocado no calor e no fumo, mas os animais vieram a correr e pisotearam o fogo até o apagar.

Em seguida, o dragão atacou, mas o caçador brandiu a espada com tanta agilidade e rapidez que ela cantou no ar e cortou três cabeças do monstro.

Aí o dragão ficou zangado de verdade. Levantou-se no ar, lançando chamas ferozes, e abateu-se sobre o caçador no instante em que ele brandiu outra vez a espada e cortou mais três cabeças. O dragão caiu no chão. Mas, apesar de toda a fraqueza que sentia, atacou de novo. Reunindo as suas últimas forças, o caçador conseguiu cortar a cauda do monstro, mas depois disso já não podia lutar mais.

Então, chamou os animais, que fizeram o dragão em pedaços.

Depois de a batalha terminar, o caçador abriu a porta da igreja. A filha do rei jazia no chão, porque tinha desmaiado de medo durante a luta. Ele levou-a para fora e, quando ela voltou a si e abriu os olhos, ele mostrou-lhe os pedaços do dragão e lhe disse que estava salva. Ela ficou muito feliz e disse:

— Então vais ser o meu marido muito querido, porque o meu pai prometeu a minha mão ao homem que matasse o dragão.

Para recompensar os animais, ela tirou do pescoço o colar de coral e o dividiu entre eles. O leão ficou com o fecho de ouro. Ao caçador, ela deu um lenço, com o nome dela bordado. O caçador cortou as sete línguas do dragão, enrolou-as no lenço e guardou-as com cuidado.

Depois disso, como estava exausto do incêndio e da luta, disse à filha do rei:

— Nós dois estamos mortos de cansaço. Vamos dormir um pouco.

Ela concordou. Deitaram-se no chão e o caçador disse ao leão:

— Fica de guarda. Não deixes que ninguém nos ataque enquanto estivermos a dormir.

E os dois adormeceram. O leão deitou-se ao lado deles para montar guarda, mas, como também estava muito cansado da luta, chamou o urso e disse:

— Deita-te ao meu lado. Preciso de dormir um pouco. Se acontecer alguma coisa, acorda-me.

O urso deitou-se ao lado dele, mas também estava muito cansado. Por isso, chamou o lobo e disse:

— Deita-te ao meu lado. Preciso de dormir um pouco. Se acontecer alguma coisa, acorda-me.

O lobo deitou-se ao lado dele, mas também estava muito cansado. Por isso, chamou a raposa e disse:

— Deita-te ao meu lado. Preciso de dormir um pouco. Se acontecer alguma coisa, acorda-me.

A raposa deitou-se ao lado dele, mas também estava muito cansada. Por isso, chamou a lebre e disse:

— Deita-te ao meu lado. Preciso de dormir um pouco. Se acontecer alguma coisa, acorda-me.

A lebre sentou-se ao lado dela, mas, coitadinha, também estava muito cansada e não tinha ninguém para quem pudesse passar a guarda. Mas, mesmo assim, acabou por adormecer também. E assim, em pouco tempo, o caçador, a filha do rei, o leão, o urso, o lobo, a raposa e a lebre, estavam todos a dormir a sono solto.

Quando o marechal, que fora instruído para acompanhar tudo à distância, não viu o dragão sair a voar com a filha do rei e achou que tudo estava tranquilo na montanha, encheu-se de coragem e foi até lá. Então viu o dragão estraçalhado e, ali por perto, a filha do rei e um caçador com todos os seus animais, todos dormindo profundamente. Como ele era um homem mau e ímpio, tirou a espada, cortou a cabeça ao caçador, pegou na filha do rei no colo e desceu a montanha com ela.

Quando chegaram lá em baixo, ela acordou sobressaltada e o marechal disse:

— Estás em meu poder. Tens de dizer que fui eu quem matou o dragão.

— Não posso dizer uma coisa dessas — respondeu ela. — Foi um caçador com seus animais.

Ouvindo isso, ele puxou a espada e ameaçou matá-la se ela não promettesse confirmar a história dele. Depois, a levou-a até ao rei, que achava que o dragão tinha despedaçado sua filha adorada e não coube em si de alegria ao vê-la viva.

O marechal disse:

— Matei o dragão, salvei a sua filha e todo o reino. Agora ela tem de casar comigo, como o senhor prometeu.

O rei perguntou à filha:

— É verdade?

— É... — disse ela — deve ser... Mas o casamento não pode ser celebrado antes de um ano e um dia.

Ela achava que durante esse tempo devia ter alguma notícia de seu amado caçador.

Na montanha do dragão, os animais ainda estavam a dormir ao lado do corpo do seu dono morto. Aí veio uma abelha e pousou no focinho da lebre, mas a lebre espantou-a com a pata e continuou a dormir. Ela veio outra vez, e mais uma vez a lebre a espantou-a e continuou a dormir. Mas quando a abelha veio pela terceira vez e picou o focinho da lebre, ela acordou. E no instante em que a lebre acordou, acordou a raposa, e a raposa acordou o lobo, e o lobo acordou o urso, e o urso acordou o leão. E quando o leão acordou e viu que a filha do

rei tinha desaparecido e o seu dono estava morto, deu um rugido que parecia um trovão e perguntou:

— Quem fez isto? Urso, por que é que não me acordaste?

O urso perguntou ao lobo:

— Por que é que não me acordaste?

O lobo perguntou à raposa:

— Por que é que não me acordaste?

A raposa perguntou à lebre:

— Por que é que não me acordaste?

E como a coitadinha da lebre não podia pôr a culpa em cima de ninguém, ficou ela a única culpada. Iam todos avançar para cima dela, mas ela pediu:

— Não me matem. Eu posso devolver a vida ao nosso dono. Sei de uma montanha onde cresce uma raiz e, se a gente puser essa raiz na boca de um ferido, ele fica inteiramente curado de qualquer doença ou ferimento. Mas essa montanha fica a duzentas horas daqui.

O leão disse:

— Tens vinte e quatro horas para ir e voltares com essa tal raiz.

A lebre saiu à toda a velocidade, e em vinte e quatro horas estava de volta com a raiz. O leão pôs a cabeça do caçador no lugar, a lebre pôs a raiz na boca do

morto e no mesmo instante as duas partes costuraram-se e ficaram juntas outra vez, o coração começou a bater e a vida voltou.

Quando o caçador acordou, ficou tristíssimo por ver que a princesa se tinha ido embora.

— Por certo ela quis livrar-se de mim — disse ele. — Aproveitou que eu estava a dormir e foi-se embora.

Quando estava a consertar o dono, o leão, com a pressa, tinha posto a cabeça do caçador ao contrário, de trás para frente, mas este estava tão ocupado com os seus pensamentos tristes sobre a filha do rei, que nem reparou. Por volta do meio-dia, quando o caçador foi comer, notou que tinha a cabeça ao contrário.

Ficou muito intrigado com isso e perguntou aos animais o que é que tinha acontecido enquanto ele estava a dormir. Então o leão contou-lhe que todos estavam tão cansados que acabaram por dormir e que, quando acordaram, descobriram que ele estava morto, com a cabeça cortada, e que a lebre tinha ido buscar a raiz da vida e que ele, leão, tinha colado a cabeça na posição errada porque estava com pressa, mas agora ia corrigir o erro. Assim, ele arrancou a cabeça do caçador outra vez, virou-a direito, e a lebre colou e tratou da ferida com a raiz.

A partir desse dia, o caçador, sempre muito triste, passou a andar de um lado para o outro com os seus animais, fazendo-os dançar para as pessoas. Quando tinha passado exatamente um ano, ele chegou à mesma cidade onde tinha salvado do dragão a filha do rei. Desta vez, o lugar estava todo enfeitado com faixas vermelhas.

— Que quer dizer isso? — perguntou ao estalajadeiro. Há um ano, a cidade estava toda pendurada com faixas de luto. Agora, está toda de vermelho. Porquê?

O estalajadeiro replicou:

— Há um ano, a filha do nosso rei ia ser entregue ao dragão, mas nosso marechal lutou com o dragão e matou-o, e amanhã eles casam-se. Por isso é que a cidade estava de preto, de luto, e agora está de vermelho, de alegria.

Ao meio-dia do dia do casamento, o caçador disse ao estalajadeiro:

— O senhor acredita que eu vou comer pão da mesa do rei, bem aqui na sua casa, antes que o dia termine?

O estalajadeiro respondeu:

— Aposto cem moedas de ouro em como não vai.

O caçador aceitou a aposta e pôs em cima da mesa uma bolsa que tinha exatamente as cem moedas de ouro. Depois, chamou a lebre e disse:

— Minha querida Pé-Leve, traz-me um pouco do pão que o rei come.

A lebre era o menor dos animais, não podia passar a ordem adiante para nenhum outro, e disse para si mesma:

— Se eu for a correr sozinha pelas ruas, todos os cães me vão perseguir.

E foi isso mesmo: os cães foram a correr atrás dela, com evidentes intenções de lhe deitar os dentes. Mas ela deu um salto gigantesco e meteu-se dentro da guarita da sentinela. O soldado nem viu que ela estava lá.

Os cães aproximaram-se e tentaram tirá-la dali, mas o soldado não gostou nada daquilo e saiu atrás deles batendo com a coronha da espingarda até que eles fugiram uivando e latindo. Quando a lebre viu que o caminho estava livre, correu para dentro do palácio, foi até aonde estava a filha do rei, sentou-se debaixo da cadeira e começou a coçar o pé dela.

A moça pensou que era o seu cão e disse:

— Sai daí!

A lebre coçou o pé dela mais uma vez e de novo ela disse:

— Sai daí!

Mas a lebre não desanimou. Quando coçou o pé da filha do rei pela terceira vez, a rapariga olhou para baixo e a reconheceu-a pelo coral no pescoço. Pegou no bichinho ao colo, levou-o até ao seu quarto e disse:

— Minha lebre querida, o que é que eu posso fazer por ti?

Ela respondeu:

— O meu dono, que matou o dragão, está aqui. Mandou que eu lhe pedisse um pão, dos que o rei come.

Quando ouviu isso, a rapariga ficou contentíssima. Chamou o padeiro e mandou que ele lhe trouxesse um pão, dos que o rei comia.

— Mas — disse a lebre — o padeiro também precisa de entregar o pão em meu lugar. Se não, os cães acabam comigo.

O padeiro levou o pão até à porta da estalagem.

Chegando lá, a lebre ficou de pé nas patas traseiras, pegou no pão com as patas da frente e levou-o ao seu dono. Então o caçador disse ao estalajadeiro:

— Como vê, as cem moedas de ouro são minhas.

O estalajadeiro ficou muito espantado, mas o caçador continuou:

— Sim, senhor! Tenho pão, mas agora quero um pouco da carne que o rei come.

O estalajadeiro disse:

— Eis uma coisa que eu queria ver...

Mas dessa vez não propôs nenhuma aposta. O caçador chamou a raposa e disse:

— Raposinha, traz-me um pouco da carne assada que o rei come.

A raposa sabia todos os truques, esgueirou-se ao longo de muros, passou por buracos de cercas, os cães nem a viram. Quando chegou ao palácio, sentou-se debaixo da cadeira da filha do rei e coçou o pé dela. A rapariga olhou e reconheceu a raposa por causa do coral no pescoço, e disse:

— Minha raposa querida, que é que eu posso fazer por você?

Ela respondeu:

— O meu dono, que matou o dragão, está aqui. Mandou que eu lhe pedisse um pouco da carne assada que o rei come.

Então a rapariga mandou chamar o cozinheiro e disse-lhe que preparasse um assado igual ao que o rei comia e o levasse até a porta da estalagem. Depois, a raposa pegou na bandeja, abanou bem a cauda para espantar as moscas que vinham atrás do assado, e levou-o até ao seu dono.

Aí, o caçador disse ao estalajadeiro:

— Como vê, senhor, tenho o pão e tenho a carne, mas agora quero a guarnição do prato, igual à que o rei come.

Chamou o lobo e disse:

— Caro lobo, traz-me um pouco da guarnição que acompanha esse assado que o rei come.

O lobo foi direto ao palácio, porque não tinha medo de ninguém. Quando chegou junto da filha do rei, deu-lhe um puxão no vestido, pelas costas. Ela teve de se virar e olhar para ele, e logo o reconheceu, por causa do coral no pescoço. Levou-o até ao seu quarto e perguntou:

— Meu lobo querido, que é que eu posso fazer por ti?

O lobo respondeu:

— O meu dono, que matou o dragão, está aqui. Mandou que eu lhe pedisse um pouco da guarnição que acompanha o assado, igual à que o rei come.

Então a rapariga mandou chamar o cozinheiro, que teve de preparar a guarnição igual à que o rei comia, e levá-la até à porta da estalagem, onde o lobo pegou na travessa e a levou ao seu dono.

Aí, o caçador disse ao estalajadeiro:

— Como vês, agora eu tenho pão, carne e acompanhamento, mas também quero uma sobremesa das que o rei come.

Chamou o urso e disse:

— Caro urso, tu gostas de doces. Traz-me um pouco da sobremesa que o rei come.

O urso saiu a trotar para o palácio e todo a gente saía da frente dele. Mas quando chegou ao portão, as sentinelas ameaçaram-no com as espingardas e não o queriam deixar passar. Ele ficou de pé nas patas traseiras e bateu-lhes nas orelhas com as patas, para a direita e para a esquerda, e todas as sentinelas caíram. Então ele foi até onde estava a filha do rei, ficou mesmo atrás dela e deu uma rosnadela suave. Ela olhou para trás, reconheceu o urso, pediu-lhe que a seguisse até ao seu quarto e disse:

— Meu querido urso, que é que eu posso fazer por você?

Ele respondeu:

— O meu dono, que matou o dragão, está aqui. Mandou que eu lhe pedisse um pouco da sobremesa que o rei come.

Ela mandou chamar o pasteleiro e ordenou que ele preparasse uns doces como aqueles que o rei comia de sobremesa e os levasse até à porta da estalagem. Primeiro, o urso lambeu umas ameixas açucaradas que enfeitavam os doces e tinham rolado de cima deles, depois levantou-se nas patas de trás, pegou a travessa e a levou até o dono.

O caçador então disse ao estalajadeiro:

— Como vê, agora tenho pão, carne, acompanhamento e sobremesa, mas ainda quero um pouco do vinho que o rei bebe.

Chamou o leão e disse:

— Caro leão, tu gostas de beber de vez em quando. Traz-me então um pouco do vinho, do que o rei toma.

O leão saiu passando pela rua e as pessoas correram para tudo quanto era lado. Quando chegou ao palácio, os guardas tentaram barrar-lhe a entrada, mas ele deu um rugido e eles fugiram a sete pés. A seguir foi até aos aposentos reais e bateu à porta com o rabo. A filha do rei abriu e apanhou um susto quando viu o leão, mas logo o reconheceu pelo fecho de ouro do seu colar de coral. Pediu-lhe que fosse com ela até ao quarto e perguntou:

— Meu leão querido, que é que eu posso fazer por ti?

Ele respondeu:

— O meu dono, que matou o dragão, está aqui. Mandou que eu lhe pedisse um pouco do vinho que o rei bebe.

Então ela mandou chamar o encarregado da adega e ordenou-lhe que desse ao leão um pouco do vinho que o rei bebia. Mas o leão disse:

— É melhor eu ir com ele, para ter a certeza de que ele está traz o vinho certo.

Foi com o encarregado até a adega e, quando chegaram lá, o funcionário queria pegar num pouco de vinho comum, daquele que os criados bebiam, mas o leão disse:

— Espera aí! Vou provar esse vinho.

O encarregado deu meio litro ao leão e ele bebeu tudo de um gole. Depois disse:

— Não. Este não é o vinho certo.

O encarregado da adega olhou para ele espantado e foi então até outro barril, que tinha o vinho reservado para o marechal do rei. O leão disse:

— Primeiro, vou provar esse vinho.

Tirou meio litro, bebeu e disse:

— Este é melhor, mas ainda não é o vinho certo.

Isso deixou o encarregado da adega furioso. Tão furioso que disse:

— Como é que um animal estúpido desses pode querer entender alguma coisa de vinho!

O leão deu-lhe uma patada tão forte atrás da orelha, que ele caiu com estrondo sentado no chão. Quando se levantou, não disse nada, mas levou o leão até uma pequena adega separada, onde se guardava o vinho especial do rei, que ninguém jamais tocava. O leão tirou meio litro e provou. Depois, disse:

— Ah, este, sim, deve ser o vinho certo.

Então, disse ao encarregado da adega que enchesse meia dúzia de garrafas, e depois subiram novamente as escadas. Quando chegaram lá fora, o leão estava ligeiramente bêbedo e balançava de um lado para outro. O encarregado da adega teve de carregar o vinho até à porta, onde o leão segurou a alça da cesta nos dentes e levou o vinho até ao seu dono.

O caçador disse então ao estalajadeiro:

— Como vê, agora tenho pão, carne, acompanhamentos, sobremesa e vinho, como o rei, e agora vou jantar com meus animais.

Sentou-se, comeu e bebeu, dividindo a comida e a bebida com a lebre, a raposa, o lobo, o urso e o leão. Estava feliz, porque via que a filha do rei ainda o amava. Quando acabou a refeição, disse para o estalajadeiro:

— Como vê, senhor, comi e bebi como o rei come e bebe. Agora, vou até ao palácio do rei casar com a filha dele.

O estalajadeiro espantou-se:

— Como é que pode? Ela está noiva, vai-se casar hoje mesmo.

O caçador tirou do bolso o lenço que a filha do rei lhe tinha dado lá na montanha do dragão, e as sete línguas do monstro ainda estavam embrulhadas nele.

— Vou conseguir isso — disse ele — com a ajuda do que tenho aqui na mão.

O estalajadeiro olhou para o lenço e duvidou:

— Estou disposto a acreditar em qualquer coisa, menos nisso. Aposto a minha estalagem.

O caçador tirou da cintura uma bolsinha com mil moedas de ouro, colocou-a em cima da mesa e disse:

— Aposto isto aqui contra a tua estalagem.

Enquanto isso, o rei e a filha estavam sentados à mesa real.

— O que é que todos aqueles animais que entravam e saíam do palácio queriam contigo? — perguntou ele.

Ela respondeu:

— Estou proibida de dizer, mas o senhor faria muito bem se mandasse buscar o dono desses animais.

O rei mandou um criado ir até a estalagem convidar o estranho para vir até ao palácio. O criado chegou no momento em que o caçador tinha acabado de fazer sua aposta com o estalajadeiro.

O caçador disse ao estalajadeiro:

— Como vês, o rei mandou o seu criado para me levar, mas eu não vou assim.

E respondeu ao criado:

— Por gentileza, pede ao rei que me mande trajes reais e uma carruagem com seis cavalos e criados que me sirvam.

Quando o rei ouviu a resposta, perguntou à filha:

— Que é que eu faço agora?

— O senhor faria bem se mandasse buscá-lo, como ele diz — respondeu.

Então o rei mandou os trajes reais, a carruagem com seis cavalos e criados para servi-lo. Quando o caçador os viu chegar, disse ao estalajadeiro:

— Como vês, mandaram-me buscar, como eu pedi.

Vestiu os trajes reais, agarrou no lenço com as línguas do dragão e foi para o palácio. Quando o rei o viu chegar, perguntou à filha:

— Como devo recebê-lo?

— O senhor faria bem se fosse ao seu encontro — respondeu ela.

O rei foi ao encontro do caçador e convidou-o a entrar. Os animais foram atrás. O rei mandou que ele se sentasse a seu lado, perto da filha. Do outro lado estava sentado o marechal, porque era o noivo, mas não reconheceu o caçador. Então trouxeram as sete cabeças do dragão para mostrar a todos, e o rei disse:

— O marechal cortou estas sete cabeças do dragão. Portanto, dou-lhe a mão da minha filha em casamento.

Ouvindo isso, o caçador levantou-se, abriu as sete bocas e perguntou:

— O que é que aconteceu às sete línguas do dragão?

O marechal ficou pálido de susto e não conseguia pensar em nenhuma resposta para dar. Finalmente, aterrorizado, acabou por dizer:

— Os dragões não têm línguas.

O caçador disse:

— Seria muito melhor se quem não tivesse língua fossem os mentirosos. As línguas de um dragão são a presa do matador do dragão.

Abriu o lenço e lá estavam as sete. Aí ele pôs cada uma das línguas na boca em que se encaixava, e todas se ajustaram perfeitamente. Depois, ele pegou no

lenço que tinha o nome da filha do rei bordado, mostrou-lho a ela e perguntou-lhe a quem ela o tinha dado.

Ela respondeu:

— Ao homem que matou o dragão.

Em seguida, ele chamou os animais, pegou nos cordões de coral e no fecho de ouro do leão, mostrou tudo à filha do rei e perguntou-lhe a quem pertenciam. Ela respondeu:

— O colar e o fecho de ouro eram meus. Eu dividi-os entre os animais que ajudaram a matar o dragão.

— Quando eu estava exausto e me deitei para descansar depois do combate, o marechal veio e cortou-me a cabeça enquanto eu dormia. Depois, pegou na filha do rei e disse que quem tinha matado o dragão era ele: Isso é mentira, como eu já provei, com as línguas, o lenço e o colar.

Em seguida, contou sua história. Contou como os animais o tinham salvado com uma raiz milagrosa, como ele tinha andado à deriva durante um ano até voltar à mesma cidade e como, então, tinha ficado a saber pelo estalajadeiro que o marechal estava enganar toda a gente. O rei então perguntou à filha:

— É verdade que quem matou o dragão foi este jovem?

— É, sim — respondeu ela. — Agora posso falar sobre o crime do marechal, pois todos ficaram a saber sem que eu dissesse nada. Ele me tinha feito prometer guardar segredo. Por isso é que eu insisti para que o casamento não se celebrasse antes de um ano e um dia.

O rei mandou reunir os seus doze conselheiros e pediu-lhes que julgassem o marechal. A sentença condenou-o a ser esquartejado por quatro bois. Dessa forma, o marechal foi executado e o rei deu a mão da filha ao caçador, que também foi nomeado regente de todo o reino. O casamento foi celebrado com muitos festejos e o jovem rei mandou chamar o pai verdadeiro e o pai adotivo e cobriu-os de presentes.

Também não se esqueceu do estalajadeiro, mas mandou buscá-lo e disse:

— Como vês, senhor, casei-me com a filha do rei. Agora, a tua estalagem é minha.

— De direito, é mesmo — concordou o estalajadeiro.

Mas o jovem rei disse:

— A misericórdia é mais importante que o direito. Podes ficar com a tua estalagem. E também te vou dar as mil moedas de ouro, de presente.

Aí tudo ficou bem com o jovem rei e a jovem rainha, que viveram felizes juntos. Ele ia sempre caçar, porque gostava muito, e seus fiéis animais iam sempre com ele.

Ora, acontece que havia uma floresta, não muito distante do palácio, que tinha fama de ser encantada. O que se contava é que quem entrava lá custava muito a sair. Mas o jovem rei queria muito ir lá caçar, e não deixou o velho rei em paz enquanto não obteve a permissão para ir. E então, partiu, com um grande séquito.

Quando chegou à floresta, viu uma corça branca e disse a seus homens:

— Fiquem aqui até que eu volte. Vou caçar aquela bela corça.

Entrou na floresta e apenas os seus animais o seguiram. Os homens esperaram até cair a noite. Como ele não voltava, eles foram para casa e disseram à jovem rainha:

— O jovem rei foi perseguir uma corça branca na floresta encantada e não voltou mais.

Quando ela ouviu isso, ficou muito preocupada. Enquanto isso, ele perseguia a corça branca, mas não conseguia alcançá-la. Ela às vezes parecia estar ao alcance de um tiro, mas quando ele fazia pontaria e ia atirar, de repente via-a dando saltos mais adiante, cada vez mais distante, até que acabou por desaparecer por completo.

Vendo que estava na floresta profunda, muito longe, ele pegou na sua trompa de caça e tocou. Mas não houve resposta, pois seus homens não o ouviram. Quando caiu a noite, ele compreendeu que não ia poder voltar naquele dia. Então, apeou-se do cavalo, acendeu uma fogueira debaixo de uma árvore e se preparou para passar a noite.

Quando estava sentado com os animais à beira do fogo, achou que ouviu de repente uma voz humana. Procurou, mas não conseguiu ver nada. Depois, ouviu um gemido que parecia vir do alto. Olhou e viu uma velha sentada na árvore:

— Ai, ai! — chorava ela. — Estou com tanto frio!

— Pois desça e venha se aquecer — chamou ele.

— Não — disse ela. — Os teus animais podem-me morder.

— Não se preocupe, avozinha — disse ele. — Eles são mansos, não lhe vão fazer nada, pode descer.

Mas a velha era uma bruxa e disse:

— Vou partir uma varinha e deitá-la abaixo. Bate nas costas deles, que assim não me magoam.

Ela atirou a varinha e ele bateu nos animais que, num instante, ficaram imóveis, transformados em pedra. Sem os animais para atrapalhar, ela num instante pulou lá de cima e tocou também no caçador com a varinha. No mesmo momento, ele transformou-se em pedra. Aí, dando uma gargalhada horrível, ela arrastou-o, e aos animais, para um barranco onde já havia uma porção daquelas pedras.

Quando o jovem rei não voltou, a preocupação e o medo da jovem rainha foram ficando cada vez maiores. Ora, acontece que, nessa mesma ocasião, o outro irmão, que tinha ido para o leste quando se separaram, estava a chegar a esse reino. Depois de procurar emprego sem encontrar, resolveu ir de vila em vila com os animais, que dançavam para distrair as pessoas. Depois de algum tempo, ele lembrou-se da faca que eles tinham enfiado no tronco da árvore quando se separaram, e resolveu ir até lá para saber como estava o irmão. Quando chegou lá, viu que o lado da lâmina que correspondia ao irmão estava metade enferrujado e metade brilhante.

Isso é mau — pensou —, algo deve ter acontecido a meu irmão, mas talvez eu ainda possa salvá-lo, porque metade da lâmina está brilhante.

Saiu caminhando para oeste com os animais e, quando chegou aos portões da cidade, uma sentinela veio-lhe perguntar se queria que mandasse anunciar sua

chegada para a jovem rainha, sua esposa, porque ela estava muito preocupada, com medo de que ele tivesse morrido na floresta encantada. É que o jovem rei e o irmão eram tão parecidos que a sentinela os confundiu, ainda mais porque o irmão também tinha aquele bando de animais selvagens que o seguiam. Ele entendeu o erro da sentinela e pensou: é melhor eu fazer de conta que sou ele, assim fica mais fácil salvá-lo.

Por isso, deixou que a sentinela o levasse ao palácio, onde foi recebido com muita alegria. A sua jovem esposa também achou que era o marido dela e perguntou porque ele tinha demorado tanto.

— Eu perdi-me na floresta e não consegui encontrar o caminho — respondeu ele.

De noite, ele foi levado ao leito real, mas colocou uma espada de dois gumes entre ele e a jovem rainha. Ela não sabia porquê, mas ficou com medo de perguntar.

E assim se passaram alguns dias, em que ele tentou descobrir tudo o que podia sobre a floresta encantada. Depois disse:

— Vou lá caçar novamente.

O rei e a jovem rainha tentaram dissuadi-lo, mas ele insistiu e partiu com um grande séquito. Quando chegou à floresta, aconteceu com ele a mesma coisa que tinha acontecido ao irmão. Viu uma corça branca e disse aos seus homens:

— Fiquem aqui até eu voltar. Vou caçar essa bela corça branca.

Cavalgou para dentro da floresta, seguido pelos animais.

Mas não conseguiu alcançar a corça e acabou por se embrenhar tão profundamente na mata que teve de passar a noite lá. Depois de acender a fogueira, ouviu alguém gemendo no alto:

— Ai, ai! Estou com tanto frio!

Ele olhou para cima, viu a bruxa na árvore e disse:

— Pois desça e venha aquecer-se!

— Não — disse ela. — Os teus animais podem-me morder.

Ele então respondeu:

— Não se preocupe, avozinha. Eles são mansos, não lhe vão fazer nada, pode descer.

Então ela disse:

— Vou partir uma varinha e deitá-la abaixo. Bate nas costas deles, que assim não me magoam.

Quando ouviu isso, o caçador desconfiou da velha:

— Não vou bater nos meus animais. Desce já ou eu subo aí e apanho-te — disse ele.

— Não me faças rir... — respondeu a velha. — Não me podes fazer nada.

Ele então ameaçou:

— Se não desces, dou-te um tiro.

— Pois podes dar — desafiou ela. — Não tenho medo nenhum das tuas balas.

Ele fez pontaria e atirou, mas a bruxa era à prova de balas. Ficou a dar gargalhadas e a gritar:

— Não me consegues acertar!

Mas o caçador era muito esperto. Arrancou três botões de prata do casaco e carregou a arma com eles, porque contra a prata não havia poder mágico. No momento em que ele puxou o gatilho, ela caiu aos berros. Ele pôs o pé em cima dela e disse-lhe:

— Sua bruxa velha, se não me disseres imediatamente onde está o meu irmão, eu agarro-te com as duas mãos e atiro-te já ao fogo!

Ela ficou com tanto medo que pediu clemência e disse:

— Ele e os animais estão caídos naquele barranco, transformaram-se em pedra.

Ele fez a velha levá-lo até o lugar e a ameaçou:

— Sua bruxa velha! Devolve a vida imediatamente ao meu irmão e a todas as criaturas que estão aí, ou então vais para o fogo!

Ela pegou numa varinha e tocou nas pedras. O irmão e os animais voltaram à vida. E muitos outros homens também, mercadores, artesãos, pastores. Todos se levantaram, agradeceram ao caçador por libertá-los e foram para casa. Os gémeos abraçaram-se e beijaram-se, contentíssimos por se encontrarem novamente.

Agarraram e amarraram a bruxa e atiraram-na à fogueira. Quando ela acabou de arder, a floresta abriu-se sozinha e deu para ver o palácio real à distância, a mais ou menos quatro ou cinco quilómetros dali.

Os dois irmãos voltaram juntos e, pelo caminho, foram contando o que tinha acontecido com cada um. Quando o mais jovem disse que era regente de todo o país, o outro disse:

— Eu descobri, porque, quando eu cheguei ao palácio e me confundiram contigo, me deram honras reais. A jovem rainha achou que eu era o marido dela, e tive de me sentar ao lado dela na mesa e dormir na cama dela.

Quando o jovem rei ouviu isso, ficou tão zangado e com tanto ciúme que puxou a espada e cortou a cabeça do irmão. Mas quando viu que ele estava caído, morto, e viu o sangue vermelho escorrendo, ficou transtornado de tristeza.

— O meu irmão salvou-me — gritava —, e foi assim que lhe agradeçi!

Chorou e lamentou-se, mas depois a sua lebre aproximou-se e ofereceu-se para ir buscar um pouco da raiz da vida. Saiu a toda a velocidade e regressou em pouco tempo. Deu para ressuscitar o irmão morto, e ele nem percebeu a cicatriz.

Depois, continuaram a andar e o irmão disse:

— Tu pareces-te comigo, estás a usar roupas reais, como eu, e os animais seguem-te como me seguem. Vamos entrar por dois portões opostos e aparecer ao mesmo tempo diante do velho rei, vindo de direções diferentes.

Assim, separaram-se e depois, duas sentinelas, uma de cada portão, chegaram ao mesmo tempo junto do velho rei para anunciar que o jovem rei e os seus animais estavam a regressar da caçada. O velho rei disse:

— Impossível. Os dois portões ficam longe um do outro, é uma caminhada de uma hora.

Mas nesse instante os dois irmãos entraram no pátio, vindos de duas direções opostas, e ambos subiram as escadas ao mesmo tempo. O rei disse à filha:

— Diz-me qual dos dois é teu marido. São tão iguais que não sei.

Ela não conseguia descobrir e estava muito espantada, mas depois lembrou-se do colar que tinha dado aos animais. Olhou bem para eles e descobriu o fecho de ouro num dos leões.

— O meu marido é aquele que este leão seguir — disse, toda contente.

O jovem rei riu e disse:

— É, está certo.

Sentaram-se juntos à mesa, comeram, beberam e divertiram-se. Nessa noite, quando o jovem rei foi para a cama, a esposa perguntou:

— Por que é que puseste uma espada de dois gumes na cama nestas últimas noites? Pensei que me ias matar...

Foi assim que soube como seu irmão lhe tinha sido fiel.

A Bela Adormecida



Imagem: Walter Crane

Há muitos, muitos anos, havia um rei e uma rainha que desejavam muito ter um filho. Um dia, estando a rainha a tomar banho, um sapo saltou da água e disse-lhe:

— O teu desejo será satisfeito. Antes de um ano terás uma filhinha.

As palavras do sapo tornaram-se realidade. A rainha teve uma menina tão linda que deixou rei exultante de alegria. Para celebrar o nascimento, o rei preparou uma grande festa para a qual convidou todos os parentes, amigos e vizinhos, e também as fadas, a fim de obter as suas boas graças para a criança. Havia treze fadas no reino, mas o rei tinha apenas doze pratos de ouro, nos quais elas poderiam comer, de modo que uma das fadas não pôde ser convidada.

A festa realizou-se com todo o esplendor e, quando chegou ao fim, cada uma das fadas ofereceu um presente mágico à criança. Uma deu-lhe virtude; outra, beleza; a terceira, riqueza, e assim por diante, foram-lhe dando tudo o que ela poderia vir a desejar no mundo. Quando onze das fadas já haviam feito as suas ofertas, apareceu de repente a décima terceira fada. Quem vingar-se por não ter sido convidada, entrou de rompante no salão, sem cumprimentar nem olhar para ninguém, e gritou para que todos ouvissem:

— Quando a princesa completar quinze anos, picar-se-á com um fuso de tear envenenado e cairá morta.

Sem dizer mais nada, retirou-se. Todos os presentes ficaram assustados com a maldição.

A décima segunda fada, porém, que ainda não tinha formulado o seu desejo, deu um passo à frente. Ela não tinha capacidade para anular o efeito da praga, mas podia abrandá-la, de modo que disse:

— A tua filha não morrerá, mas dormirá um sono profundo, que durará cem anos.

O rei, querendo salvar a filha deste infortúnio, deu ordens para que todos os fusos de tear que se encontrassem no reino fossem destruídos. À medida que o tempo ia passando, as promessas das fadas iam-se realizando. A princesa cresceu tão bela, educada, amável e inteligente, que todos que a viam se encantavam por ela.

Aconteceu que, justamente no dia em que ela completava quinze anos, o rei e a rainha tiveram necessidade de sair. A menina, encontrando-se sozinha, começou a vaguear pelo castelo, revistando todos os aposentos e chegou finalmente a uma velha torre onde havia uma escada estreita, em caracol. Subiu por ela até encontrar uma pequena porta, em cuja fechadura havia uma velha chave enferrujada. Dando-lhe a volta, a porta abriu-se. Num pequeno quarto, estava sentada uma velhinha, muito ocupada com a fiar linho. Vivia tão isolada na torre, que não tomara conhecimento da ordem do rei, com relação aos fusos e teares.

— Bom dia, avozinha, disse a princesa. O que está a fazer?

— Estou a fiar, respondeu a velhinha e inclinou a cabeça sobre o trabalho.

— Que coisa é esta que gira tão depressa? — perguntou a princesa, pegando no fuso.

Mal lhe tocou, porém, levou picou-se no dedo e, imediatamente caiu numa cama que havia ao lado, entrando num sono profundo. O rei e a rainha, que acabavam de chegar, deram alguns passos no salão e adormeceram também.



Imagem: Wikimedia Commons

O mesmo sucedeu com os membros da corte. Os cavalos dormiram nas cocheiras; os cães, no pátio; os pombos, no telhado; as moscas, nas paredes. Até o fogo, na lareira, parou de crepitar. A carne, que estava a assar, no fogão, parou de estalar. O cozinheiro, que estava a puxar o cabelo do ajudante de cozinha, por qualquer tolice que ele havia feito, largou-o e ambos adormeceram. O vento parou e, nas árvores em frente ao castelo, nem uma folha se mexia. À volta das muralhas do castelo, começou a crescer uma sebe de espinhos que a cada ano ia ficando mais alta, até que ocultou todo o castelo. Passaram-se décadas e começou a circular pela região a lenda da "Bela Adormecida", nome pelo qual era chamada a princesa. De tempos a tempos, apareciam príncipes que tentavam encontrar um caminho através da sebe de espinhos, para entrar no castelo. No entanto, nenhum deles o conseguia, acabando por ficar presos no meio deles. Após muitos anos, um príncipe muito audacioso veio à cidade e ouviu um velho falar sobre a lenda do castelo oculto pela sebe, no qual uma linda princesa, chamada a "Bela Adormecida", dormia havia cem anos e, com ela, todos os habitantes do castelo. Contou-lhe também

que muitos príncipes tinham tentado atravessar a sebe e nela haviam ficado presos, morrendo. O príncipe então declarou:

— Eu não tenho medo. Irei e verei a ”Bela Adormecida”.

O bondoso velho tentou dissuadi-lo, mas o rapaz não lhe deu ouvidos.



Imagem: Walter Crane

Agora, os cem anos já se haviam completado. Quando o príncipe chegou à sebe, como por encanto, os arbustos de espinhos começaram a encher-se de flores e afastar-se abrindo-lhe caminho. Após sua passagem, fecharam-se novamente. No pátio, ele viu os cães a dormir. No telhado, estavam os pombos, com as cabeças escondidas debaixo das asas. Quando entrou no castelo, viu moscas a dormir nas paredes. Na cozinha, o cozinheiro ainda tinha a mão levantada, como se fosse sacudir bater no ajudante. Perto do trono, estavam o rei e a rainha, também adormecidos.. O rapaz continuou a percorrer o castelo. Estava tudo quieto. Finalmente chegou à torre, abriu a porta do quarto onde a princesa dormia e entrou.



PRINCE FLORIMOND FINDS THE SLEEPING BEAUTY

Imagem: Wikimedia Commons

Lá estava ela, tão bonita que ele não se conteve: abaixou-se e beijou-a. Assim que a tocou, a "Bela Adormecida" abriu os olhos e sorriu para ele. Levantou-se, deu-lhe a mão e desceram juntos. O rei, a rainha e os cortesãos acordaram também e entreolharam-se, espantados. Os cavalos, nas cavaliças, abriram os olhos e sacudiram as crinas. Os cães olharam à volta e abanaram as caudas. As pombas do telhado tiraram as cabeças de sob as asas, olharam ao redor e

voaram em seguida para o campo. As moscas, na parede, começaram a mover-se lentamente. O fogo, na cozinha, acendeu-se novamente e assou a carne. O cozinheiro puxou as orelhas do ajudante. O príncipe, apaixonado, casou-se com a princesa, num claro dia de sol, numa grande festa no castelo, e viveram felizes por muitos e muitos anos.



Imagem: Walter Crane

O Alfaiate Valente

Há muito, muito tempo, num país distante, via um alegre alfaiate de quem toda gente gostava, porque era muito bom e generoso, ainda que as pessoas não o levassem muito a sério, porque era um grande gabarolas e tinha o hábito de exagerar quando contava as suas aventuras.

Certo dia, o alfaiate estava a coser umas calças, muito contente porque lhe tinham oferecido um bolo, que ia comer quando acabasse o que estava a fazer. Contudo, o cheiro do bolo atraíra várias moscas, que se puseram a voar à sua volta.

O alfaiate tentou enxotá-las com um pedaço de tecido, mas as incómodas moscas só se afastavam por alguns segundos, voltando de imediato a pousar em cima do bolo.

— Mas que teimosas. Já ides ver o que vos acontece.

Aproximando-se com todo o cuidado, o alfaiate deu uma forte palmada em cima da mesa, com a qual desfez o bolo, mas em compensação matou sete moscas de uma só vez.

Como era um bocadinho gabarolas, o alfaiate bordou num cinto a palavra «MATO SETE DE UMA VEZ», com letras bem grandes, e passou a usá-lo.

Convencido da sua bravura, resolveu sair pelo mundo, para mostrar a toda a gente como era valente. A todas as pessoas com quem se cruzava dizia:

— Eu cá mato sete de uma vez!

No caminho encontrou um passarinho caído no chão, que meteu na sacola que levava com ele.

Passado um bocado, resolveu parar a descansar e comer um pouco do queijo que trouxera para a merenda. Nesse momento, apareceu um enorme gigante, mas, longe de se assustar, o alfaiate disse-lhe:

— Ando pelo mundo para mostrar como sou valente! Lê só isto! — E mostrou-lhe o seu cinto.

— ”Mato sete de uma vez!,” — leu o gigante, e ficou a pensar que o pequeno alfaiate matara sete homens com um golpe só.

Para o pôr à prova, o gigante pegou numa pedra e partiu-a com as mãos, com a maior facilidade.

— Pensas que me impressionas com essas habilidades — disse o alfaiate. — Olha para isto.

Fingindo que apanhava uma pedra do chão, o alfaiate espertalhão mostrou ao gigante o bocado de queijo que se preparava para comer; depois, com cara de quem estava a fazer muita força, esmagou-o com uma única mão.

Ainda não convencido, o gigante agarrou numa outra pedra e atirou-a ao ar até às nuvens.

— Só isso? — disse o alfaiate. — Acho que a minha chega mais alto.

Fingindo novamente que apanhava uma pedra, tirou do saco o passarito, atirando-o ao ar. Este ao ver-se livre, voou o mais alto que pode, até se perder

de vista. Então o gigante, furioso mas impressionado, arrancou uma grande árvore pela raiz e disse:

— Vamos ver se me consegues ajudar a levar lenha para casa.



Imagem: Carl Offterdinger

— Claro que sim! — respondeu o alfaiate. — Vai tu à frente, que sabes o caminho, e eu vou atrás.

O gigante pôs o grande tronco às costas, e o alfaiate, fingindo que o estava a ajudar, agarrou-se a um ramo.

Ao chegarem a casa do gigante, este convidou o alfaiate a passar a noite, convite que este aceitou, pois já estava a anoitecer. Contudo, ao ver a enorme cama que tinha no quarto, o alfaiate preferiu dormir no chão, o isso salvou-lhe a vida, pois o gigante, invejoso da sua força, a meio da noite revolveu matá-lo, entrando de mansinho no quarto e partindo ao meio a cama com um único golpe.

Pela manhã, o pequeno alfaiate apresentou-se na frente do gigante, ameaçando-o de mãos na cintura. Ao vê-lo são e salvo, o gigante pensou que se tratava de um ser invencível e fugiu espavorido.

A extraordinária proeza do rapaz acabou por chegar aos ouvidos de um rei, que mandou chamar o alfaiate e lhe disse:

— No meu reino há dois gigantes que fazem todo o tipo de maldades e aterrorizam os meus súbditos. Se conseguires ver-te livre deles, dar-te-ei metade do meu reino e a mão da minha filha.

— Não vos preocupeis, majestade – disse o alfaiate -, os gigantes são a minha especialidade. Dizei-me onde posso encontrá-los e não vos tornarão a incomodar.

Com as indicações que o rei lhe deu, o rapaz não tardou a encontrar os gigantes que dormiam debaixo de uma árvore.

O alfaiate subiu à árvore e de lá de cima atirou uma pedra a um dos gigantes que, ao pensar que tinha sido o seu companheiro, deu-lhe uma violenta pancada.

O outro gigante acordou e bateu-lhe em resposta à pedrada, e assim, pancada após pancada, os dois gigantes acabaram por se envolver num combate mortal. Arrancaram árvores para usar como moccas, atiraram um contra o outro pedras tão grandes que conseguiam destruir uma casa, gritaram, deram pontapés... e no fim acabaram por morrer os dois.

Então o alfaiate desceu da árvore e foi chamar os soldados do rei, que não podiam acreditar no que os seus olhos viam.

E voltou ao palácio, para relatar ao rei o seu novo feito heroico. Mas este, antes de cumprir a promessa, deu-lhe um novo encargo:

— Foste valente — disse o rei — mas preciso que me faças outra coisa: quero que me tragas o chifre mágico do unicórnio selvagem, que vive solto na floresta.

A princesa ficou um pouco desiludida, mas o alfaiate não desanimou

— Isto será fácil para mim. Matei sete de uma vez só e derrubei dois gigantes malvados. Vou trazer-vos o chifre, Majestade.

E partiu de volta para a floresta. Ainda não tinha andado muito quando, no meio de um descampado, viu investir contra ele, a galope, o enorme unicórnio, feroz cavalo branco de chifre na testa!

Rápido como uma gazela, o alfaiate saltou para trás de uma árvore, e o unicórnio, sem conseguir deter a corrida, espetou o chifre no tronco da árvore, e lá ficou preso, sem poder levantar a cabeça!

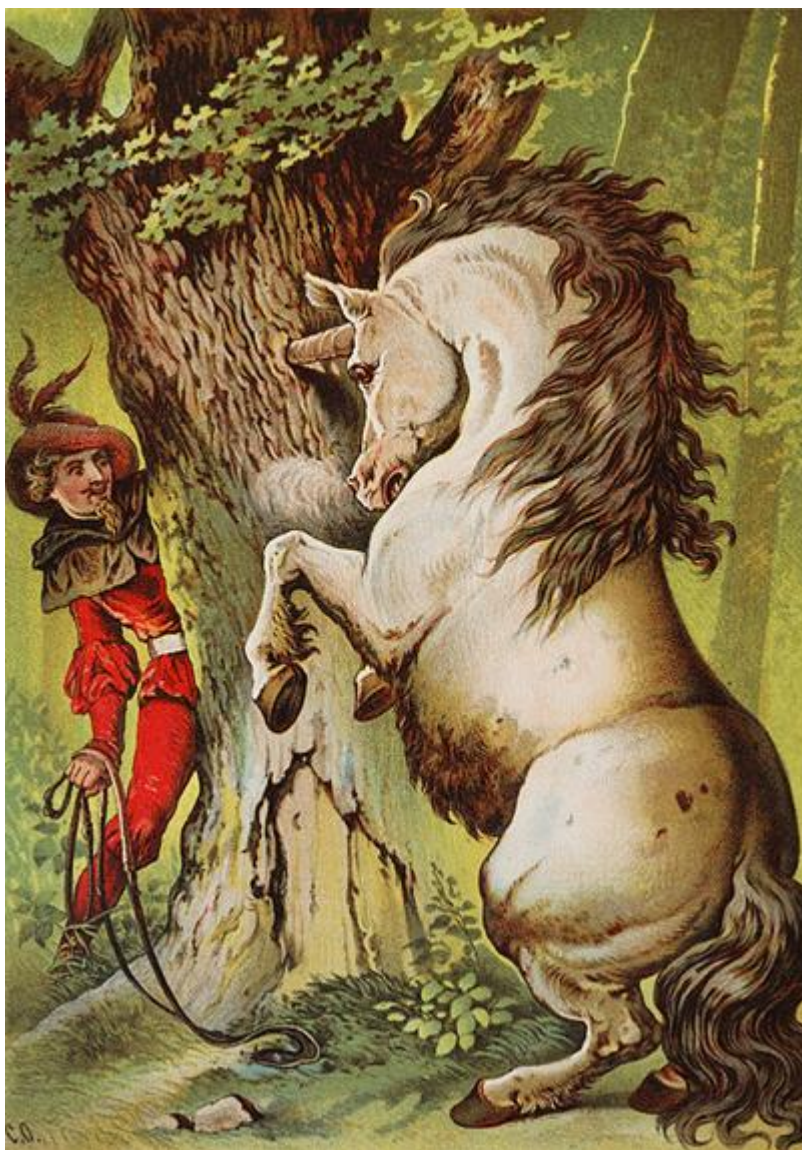


Imagem: Carl Offterdinger

Tirando da sacola o machado que levara consigo, o alfaiate, com um golpe certo, cortou o chifre do unicórnio, que vendo-se livre, fugiu a galope.

Contudo, nem após receber das mãos do alfaiate o precioso troféu o rei se deu por satisfeito e inventou outra artimanha para evitar pagar o prometido.

Disse ao alfaiate para ele ficar no palácio, aguardando os preparativos para o casamento com a princesa. Nesse meio tempo, o rei chamou os seus soldados e

ordenou-lhes que quando o alfaiate estivesse a dormir, entrassem no quarto e o amarrassem muito bem, que ele depois trataria dele.

Contudo, a princesa ouviu tudo e resolveu avisar o seu noivo do perigo que corria.

Este disse-lhe que não se preocupasse, que ele tomava conta da situação

À noite, fingindo que dormia, a alfaiate escondeu-se atrás da porta esperando pelos soldados que viriam prendê-lo. Quando os ouviu chegar, deixou que se aproximassem, e abrindo a porta de repente, gritou com a sua voz mais forte:

— Eu já matei sete de uma vez, dei cabo de dois tremendos gigantes e cortei o chifre de um unicórnio selvagem! Não são sete pequenos soldadinhos que me metem medo!

Quando os soldados ouviram isto, tremeram de susto e saíram correndo, apavorados.

Dessa vez o rei não teve outra opção senão cumprir o prometido. O valente alfaiate casou com a bela princesa, receberam metade do reino e viveram felizes para sempre.

Hansel e Gretel

Há muito, muito tempo, à beira de uma extensa floresta vivia, numa pobre cabana, feita de troncos de árvore, um lenhador com sua segunda esposa e seus dois filhinhos, nascidos do primeiro casamento. O menino chamava-se Hansel e a menina, Gretel.

A vida sempre fora difícil na casa do lenhador, mas naquela época as coisas tinham piorado e não havia comida para todos.

— Mulher, o que será de nós? Acabaremos todos por morrer de fome. E as crianças serão as primeiras.— Há uma solução... — disse a madrasta, que era muito malvada. Amanhã daremos a João e Gretel um pedaço de pão, depois levamo-los para a floresta e lá os abandonamo-los à sua sorte.

O lenhador não queria nem ouvir falar de um plano tão cruel, mas a mulher, esperta e insistente, conseguiu convencê-lo. No quarto ao lado, as duas crianças tinham escutado tudo, e Gretel desatou a chorar.

— Não chores, tranquilizou-a o irmão. Tenho uma ideia.

Esperou que os pais estivessem a dormir, saiu da cabana, apanhou um punhado de pedrinhas brancas que brilhavam ao luar e escondeu-as no bolso. Depois voltou para a cama.

CARL OFFTERDINGER



Imagem: Carl Offterdinger

No dia seguinte, ao amanhecer, a madrasta acordou as crianças.

As crianças foram com o pai e a madrasta cortar lenha na floresta e lá foram abandonadas.

Hansel tinha marcado o caminho com as pedrinhas e, ao anoitecer, conseguiram voltar para casa.

O pai ficou contente, mas a madrasta, não. Mandou-os dormir e trancou a porta do quarto. Como era malvada, ela planeou levá-los ainda mais longe no dia seguinte.

Hansel ouviu a madrasta novamente convencendo o pai a abandoná-los, mas desta vez não conseguiu sair do quarto para apanhar as pedrinhas, pois a madrasta tinha trancado a porta. Gretel desesperada só chorava. Hansel pediu-lhe para ficar calma e ter fé em Deus.

Antes de saírem para o passeio, receberam para comer um pedaço de pão velho. Hansel, em vez de comer o pão, guardou-o.

Ao caminhar para a floresta, Hansel ia deixando cair algumas migalhas de pão no chão, para marcar o caminho da volta.

Chegando a uma clareira, a madrasta ordenou que esperassem até que ela colhesse algumas bagas, por ali. Mas eles esperaram em vão. Ela tinha-os abandonado!

— Não chores, Gretel — disse Hansel. — Só temos é de seguir o rasto que eu marquei com as migalhas do pão para voltarmos para casa.

Só que os passarinhos tinham comido todas as migalhas de pão deixadas no caminho.

As crianças andaram muito até que chegaram a uma casinha toda feita com chocolate, biscoitos e doces. Famintos, correram e começaram a comer.

De repente, apareceu uma velhinha, dizendo:

— Entrem, entrem, entrem, que lá dentro há muito mais para vocês.

A velhinha deixou-os encherem-se de guloseimas até caírem no sono em confortáveis caminhas.

Quando as crianças acordaram, achavam que estavam no céu, parecia tudo perfeito.

Porém a velhinha era uma bruxa malvada que e aprisionou Hansel numa jaula para que ele engordasse. Ela queria devorá-lo bem gordo. E fez da pobre e indefesa Gretel, sua escrava.

Todos os dias Hansel tinha de mostrar o dedo para que ela sentisse se ele estava a engordar. O menino, muito esperto, percebendo que a bruxa era um pouco cegueta, mostrava-lhe um ossinho de galinha. E ela ficava furiosa, reclamava com Gretel:

— Este menino, não há meio de engordar.

— Dê-lhe mais comida!

Passaram-se alguns dias até que numa manhã, a bruxa, cansada de tanto esperar, anunciou:

— Hoje eu vou fazer um banquete. Gretel põe a lume um caldeirão bem grande com água e enche a barriga ao teu irmão, pois é hoje que eu o vou comer ensopado.

Assustada, Gretel começou a chorar.

— Vou também acender o forno também, para cozer pão com que acompanhar o ensopado – disse a bruxa.

Passado um bocado, empurrou Gretel para perto do forno e disse-lhe:

— Entra e vê se o forno está bem quente para que eu possa colocar o pão.

A bruxa pretendia fechar o forno quando Gretel estivesse lá dentro, para assá-la e comê-la também, mas Gretel percebeu a intenção da bruxa e disse:

— Oh! Como é que faz para entrar no forno? Eu não consigo, a porta é muito estreita.

— Mas que estúpida! — disse a bruxa. — Há espaço suficiente, até eu poderia passar por ela. Olha como se faz, sua burra!

A bruxa aproximou-se e colocou a cabeça dentro do forno. Gretel, então, deu-lhe um empurrão e ela caiu lá dentro. A menina, então, rapidamente trancou a porta do forno deixando que a bruxa morresse queimada. A seguir Gretel correu a libertar o irmão.

Estavam muito felizes e tiveram a ideia de levar o tesouro que a bruxa guardava e ainda algumas guloseimas.

Encheram os bolsos com tudo que conseguiram e partiram rumo a floresta.

Depois de muito andarem acabaram por encontrar o caminho para casa.

Ao chegarem na cabana encontraram o pai triste e arrependido. A madrasta tinha morrido de fome e o pai estava desesperado com o que havia feito com os filhos.

Por isso, quando os viu chegar, ficou muito feliz e correu a abraçá-los. Hansel e Gretel mostraram-lhe o tesouro que traziam nos bolsos, sinal de que a preocupação com dinheiro e comida tinha acabado e assim foram felizes para sempre.

A Gata Borralheira

Era uma vez um homem muito rico, cuja mulher adoeceu. Esta, quando sentiu o fim aproximar-se, chamou a sua única filha à cabeceira e disse-lhe com muito amor:

-Querida filha, continua sempre boa e piedosa. O amor de Deus há de acompanhar-te sempre. Lá do céu velarei sempre por ti.

E dito isto, fechou os olhos e morreu.

A menina ia todos os dias para junto do túmulo da mãe chorar e regar a terra com suas lágrimas. E continuou a ser boa e piedosa. Quando o inverno chegou, a neve fria e gelada da Europa cobriu o túmulo com um manto branco de neve. Quando o sol da primavera o derreteu, o pai casou-se com uma mulher ambiciosa e cruel que já tinha duas filhas parecidas com ela em tudo.

Mal se cruzou com elas. a pobre órfã percebeu que nada de bom podia esperar delas, pois logo que a viram disseram-lhe com desprezo:

— O que é que esta serigaita está aqui a fazer? Vai para a cozinha, que é lá o teu lugar!!!

E a madrasta acrescentou:

— Têm razão, filhas. Ela será nossa criada e terá de ganhar o pão que come com o seu trabalho diário.

Tiraram-lhe os seus lindos vestidos, vestiram-lhe um vestido muito velho e deram-lhe tamancos de madeira para calçar.

— E agora já para a cozinha! — disseram elas, rindo.

E, a partir desse dia, a menina passou a trabalhar arduamente, desde que o sol nascia até altas horas da noite: ia buscar água ao poço, acendia a lareira, cozinhava, lavava a roupa, costurava, esfregava o chão...

À noite, extenuada de trabalho, não tinha uma cama para descansar. Deitava-se perto da lareira, junto ao borralho, razão pela qual lhe passaram a chamar Gata Borralheira.

O tempo passava e a sorte da menina não se alterava. Pelo contrário, as exigências da madrasta e das suas filhas eram cada vez maiores.

Um dia, o pai ia para a cidade e perguntou às duas enteadas o que queriam que ele lhes trouxesse.

— Lindos vestidos — disse uma.

— Joias — disse a outra.

— E tu, filhinha, Gata Borralheira, o que queres? — perguntou-lhe o pai.

— Um ramo verde da primeira árvore que encontrares no caminho de volta.

Terminada a compra, ele comprou os vestidos para as enteadas e as joias que tinham pedido e no caminho de regresso cortou para a filha um ramo da primeira árvore que encontrou. De uma oliveira.

Ao chegar em casa, deu às enteadas o que lhe tinham pedido e entregou à filha o galho de oliveira. Ela correu para junto do túmulo da mãe, enterrou o ramo na terra e chorou tanto que as lágrimas o regaram. Começou a crescer e tornou-se uma bela árvore.

A menina continuou a visitar o túmulo da mãe todos os dias e certa vez ouviu uma bonita pomba branca dizer-lhe:

— Não chores mais, minha querida. Lembra-te de que, a partir de agora, cumprirei todos os teus desejos.

Pouco depois o rei anunciou a todo o reino que ia dar uma festa durante três dias para a qual estavam convidadas todas as jovens que queriam casar-se, a fim de que o príncipe herdeiro pudesse escolher a sua futura esposa.

Imediatamente as duas filhas da madrasta chamaram a Gata Borralheira e disseram-lhe:

— Penteia-nos e veste-nos, pois temos de ir ao baile do príncipe para que ele possa escolher qual de nós duas será a sua esposa.

A Gata Borralheira obedeceu humildemente. Mas quando viu as duas luxuosamente vestidas, desatou a chorar e suplicou à madrasta que também a deixasse ir ao baile.

— Ao baile, tu??? — respondeu ela. — Já te olhaste ao espelho?

A madrasta, face à insistência da Gata Borralheira, acrescentou, ao mesmo tempo que atirava um pote de lentilhas para as cinzas:

— Está bem! Se separares as lentilhas em duas horas, irás connosco.

A menina saiu para o jardim a chorar e lembrando-se do que a pomba lhe tinha dito, expressou o seu primeiro desejo:

— Dócil pombinha, rolinhas e todos os passarinhos do céu, venham ajudar-me a separar as lentilhas.

— As boas no prato e as ruins no papo.

Duas pombinhas brancas, seguidas de duas rolinhas e de uma nuvem de passarinhos entraram pela janela da cozinha e começaram a bicar as lentilhas. E muito antes de terminarem as duas horas concedidas, separaram as lentilhas. Entusiasmada, a menina foi mostrar à madrastra o prato com as lentilhas escolhidas.

— Muito bem — disse a madrastra, com ironia. — Mas que vestido vais usar? E além disso, tu não sabes, dançar. Será melhor ficares em casa.

Desconsolada, a Gata Borralheira começou a chorar, ajoelhou-se aos pés da madrastra e voltou a suplicar-lhe que a deixasse ir ao baile.

— Está bem — disse ela com cinismo. — Dou-te outra oportunidade.

E voltou a espalhar dois potes de lentilhas sobre as cinzas.

— Se conseguires escolher as lentilhas numa hora, irás ao baile.

A doce menina saiu a correr para o jardim e gritou:

— Dóceis pombinhos, rolinhas e todos os passarinhos do céu, venham ajudar-me a separar as lentilhas.

— As boas no prato e as ruins no papo.

De novo, duas pombas brancas entraram pela janela da cozinha, depois as pequenas rolas e um bando de passarinhos, e num ápice escolheram-nas e voaram para sair por onde entraram.

A menina foi ter com a madrasta mostrou-lhe as lentilhas escolhidas, mas de nada lhe serviu.

— Deixa-me em paz com as tuas lentilhas! Vais ficar em casa e pronto! Ponto final!

Virou-lhe as costas e chamou as filhas.

Quando já não havia ninguém em casa, a Gata Borralheira foi junto ao túmulo da mãe, debaixo da oliveira, e gritou:

— Arvorezinha. Toca a abanar e a sacudir. Atira ouro e prata para eu me vestir.

A pomba que lhe tinha oferecido ajuda apareceu sobre um ramo e, estendendo as asas, transformou os seus farrapos num lindíssimo vestido de baile e os seus tamancos em luxuosos sapatos bordados a ouro e prata.

Quando entrou no salão de baile, todos os presentes se admiraram perante tamanha beleza. Mas as mais surpreendidas foram as duas filhas da madrasta que estavam convencidas de que seriam as mais belas da festa. Porém, nem elas, nem a madrasta ou o pai reconheceram a Gata Borralheira.

O príncipe ficou fascinado ao vê-la. Tomou-a pela mão e os dois começaram o baile. Durante toda a noite esteve ao seu lado e não permitiu que mais ninguém dançasse com ela.

Chegado o momento de se despedirem, o príncipe ofereceu-se para acompanhá-la, pois ardia de desejo por saber quem era aquela jovem e onde morava. Mas ela deu uma desculpa para se retirar por momentos e aproveitou para abandonar o palácio a correr e deixar em baixo de uma árvore o seu formoso vestido e os sapatos.

A pomba, que estava à sua espera, pegou neles com as suas patinhas e desapareceu na escuridão da noite. Ela vestiu o vestido cinzento, o avental e os tamancos e, como de costume, deitou-se junto à chaminé e adormeceu.

No dia seguinte, quando se aproximou a hora do início do segundo baile, esperou até ouvir partir a carruagem e correu para junto da árvore:

— Arvorezinha. Toca a abanar e a sacudir. Atira ouro e prata para me vestir.

E de novo apareceu a pomba e a vestiu com um vestido ainda mais lindo que o da noite anterior e calçou-lhe uns sapatos que pareciam de ouro puro. A sua aparição no palácio causou sensação maior ainda do que da primeira vez. O próprio príncipe, que a esperava impaciente, sentiu-se ainda mais deslumbrado. Pegou-lhe na mão e, de novo, dançou com ela toda a noite.

Ao chegar a hora da despedida, o príncipe voltou a oferecer-se para acompanhá-la, mas ela insistiu que preferia voltar sozinha para casa. Mas desta vez o príncipe seguiu-a. De repente, parecia que tinha sido engolida pelo chão. Em vez de entrar em casa, a jovem Gata Borralheira, de vergonha, escondeu-se atrás de uma frondosa oliveira que havia no jardim. O príncipe continuou a procurá-la pelas redondezas, até que dececionado regressou ao palácio.

A Gata Borralheira abandonou então o seu esconderijo, e quando a madrasta e as filhas chegaram ela já tinha tirado as vestes faustosas e posto os seus trapos velhos.

No terceiro dia, quando o pai fustigou o cavalo e a carruagem se afastou com a sua esposa e filhas, a menina aproximou-se de novo da árvore e disse:

— Arvorezinha. Toca a abanar e a sacudir. Atira ouro e prata para me vestir.

E a pomba, uma vez mais, trouxe-lhe um vestido ainda mais sumptuoso que os anteriores e uns sapatos bordados a ouro para os seus pequeninos e delicados pés. E depois, colocou-lhe sobre os ombros uma capa de veludo dourado.

Quando entrou no salão de baile, a belíssima Gata Borralheira foi recebida com uma exclamação de assombro por parte de todos os presentes.

O príncipe apressou-se a beijar-lhe a mão e a abrir o baile, não se separando dela toda a noite.

Pouco antes da meia-noite, a jovem despediu-se do príncipe e pôs-se a correr. O príncipe não conseguiu alcançá-la mas encontrou na escadaria uns sapatinhos dourados que ela tinha perdido durante a sua precipitada fuga. Apanhou-o e apertou-o contra o coração.

Na manhã seguinte, mandou os seus mensageiros difundirem por todo o reino que se casaria com aquela que conseguisse calçar o precioso sapato.

Depois de todas as princesas, duquesas e condessas o terem inutilmente experimentado, ordenou aos seus emissários que o sapato fosse provado por todas as jovens, qualquer que fosse a sua condição social e financeira.

Quando chegaram à casa onde vivia a Gata Borralheira, a irmã mais velha insistiu que devia ser ela a primeira a experimentar e, acompanhada pela mãe que já a imaginava rainha, subiu ao quarto, convencida que lhe servia. Mas o seu pé era demasiado grande. Então a mãe, furiosa, obrigou-a a calçá-lo à força, dizendo-lhe:

— Embora te aperte agora, não te preocupes. Pensa que em breve serás rainha e não terás que andar a pé nunca mais.

A jovem disfarçou a dor que sentia e subiu para a carruagem, apresentando-se diante do filho do rei.

Embora ele tenha notado de imediato que aquela não era a bela desconhecida que conhecera no baile, teve de considerá-la como sua prometida. Montou-a no seu cavalo e foram juntos dar um passeio. Mas, ao passar diante de uma frondosa árvore, viu sobre os seus ramos duas pombas brancas que o advertiram:

— Olha para o pé da donzela, e verás que o sapato não é dela...

O príncipe desmontou e tirou-lhe o sapato. E ao ver como o pé estava roxo e inchado, percebeu que tinha sido enganado. Voltou à casa e ordenou que a outra irmã experimentasse o sapato.

A irmã mais nova subiu ao quarto, acompanhada da mãe, e tentou calçá-lo. Mas o seu pé também era demasiado grande.

E a mãe obrigou-a a calçá-lo à força, dizendo-lhe:

— Embora te aperte agora, não te preocupes. Pensa que em breve serás rainha e não terás que andar a pé nunca mais.

A filha obedeceu, enfiou o pé no sapato e, dissimulando a dor, apresentou-se ao príncipe que, apesar de ver que ela não era a bela desconhecida do baile, teve que considerá-la como sua prometida. Montou-a no seu cavalo e levou-a a passear pelo mesmo sítio onde levara a sua irmã. Ao passar diante da árvore onde estavam as duas pombas, ouviu-as de novo adverti-lo:

— Olha para o pé da donzela, e verás que o sapato não é dela...

O príncipe tirou-lhe o sapato e ao ver que tinha o pé ainda mais inchado que a irmã, percebeu que também ela o tinha enganado.

— Aqui vos trago esta impostora. E dai graças a Deus por não ordenar que sejam castigadas. Mas se ainda tendes outra filha, estou disposto a dar-vos nova oportunidade e eu mesmo lhe calçarei o sapato.

— Não. Não temos mais filhas — disse a madrasta.

Mas o pai acrescentou:

— Bem, a verdade é que tenho uma filha do meu primeiro casamento, a qual vive connosco. É ela que faz a limpeza da casa e por isso anda sempre suja. É a Gata Borralheira.

— As minhas ordens dizem que todas as jovens sem exceção devem experimentar o sapato. Tragam-na à minha presença. Eu mesmo lho calçarei.

A Gata Borralheira tirou um dos pesados tamancos e calçou o sapato sem o menor esforço. Coube-lhe perfeitamente.

O príncipe, maravilhado, olhou bem para ela e reconheceu a formosa donzela com quem tinha dançado.

— A minha amada desconhecida! — exclamou ele. — Só tu serás minha dona e senhora.



Imagem: Carl Offterdinger

O príncipe, radiante de felicidade, sentou-a ao seu lado no cavalo e tomou o mesmo caminho por onde tinha ido com as duas impostoras. Pouco depois, ao aproximar-se da árvore onde estavam as pombas, ouviu-as dizer:

— Continua, Príncipe, a tua cavalgada, pois a dona do sapato já foi encontrada.

As pombas pousaram sobre os ombros da jovem e os seus farrapos transformaram-se no deslumbrante vestido que ela tinha levado ao último baile.

Chegaram ao palácio e de imediato foi celebrado o casamento. Quando os habitantes do reino souberam da forma como o malvado e desnaturado pai, a madrasta e as duas filhas tinham tratado aquela que agora era a sua adorada princesa, começaram a desprezá-los de tal modo que eles tiveram que abandonar o país.

Rapunzel

Era uma vez um casal que há muito tempo desejava ter um filho. Os anos passavam-se, e o seu sonho não se realizava. Por fim, um belo dia, a mulher percebeu que Deus ouvira as suas preces. Ia ter uma criança!

Por uma janelinha da casa, era possível ver, no quintal vizinho, um magnífico jardim cheio das mais lindas flores e das mais viçosas hortaliças, pertencente a uma feiticeira muito temida e poderosa e que se encontrava rodeado por um muro altíssimo, que ninguém se atrevia a escalar.

Um dia, espiando pela janelinha, a mulher admirou-se ao ver um canteiro cheio dos mais belos pés de rabanete que jamais imaginara. As folhas eram tão verdes e fresquinhas que lhe abria o apetite, e sentiu um enorme desejo de provar os rabanetes.

A cada dia seu desejo aumentava mais. Mas ela sabia que não havia forma de conseguir o que queria e por isso foi ficando triste, abatida e com um aspeto doentio, até que um dia o marido se assustou e perguntou:

— O que se passa contigo, querida?

— Ah! — respondeu ela. — Se não comer um rabanete do jardim da feiticeira, acho que vou morrer!

O marido, que a amava muito, pensou: "Não posso deixar a minha mulher morrer... Tenho que conseguir esses rabanetes, custe o que custar!"

Ao anoitecer, encostou uma escada no muro, pulou para o quintal vizinho, arrancou apressadamente um punhado de rabanetes e levou-os para a mulher. Muito rapidamente, preparou-lhe uma salada que ela comeu deliciada. Ela achou o sabor da salada tão bom, mas tão bom, que no dia seguinte o seu desejo de comer rabanetes ficou ainda mais forte. Para a sossegar, o marido prometeu-lhe que iria buscar mais um pouco.

Quando a noite chegou, pulou novamente o muro mas, mal pisou o chão do outro lado, apanhou um tremendo susto: de pé, diante dele, estava a feiticeira.

— Como te atreves a entrar no meu quintal como um ladrão, para me roubar os rabanetes? — perguntou ela com os olhos chispando de raiva. — Vais ver só o que te espera!

— Oh! Tem piedade! — implorou o homem. — Só fiz isso porque fui obrigado! A minha mulher viu os rabanetes pela nossa janela e sentiu tanta vontade de comê-los, mas tanta vontade, que decerto morrerá se eu não levar alguns!

A feiticeira acalmou-se e disse:

— Se é como dizes, deixo-te levar os rabanetes que quiseres, mas com uma condição: irás dar-me a criança que a tua mulher vai ter. Cuidarei dela como se fosse sua própria mãe, e nada lhe faltará.

O homem estava tão apavorado, que concordou. Pouco tempo depois, o bebé nasceu. Era uma menina. A feiticeira surgiu no mesmo instante, deu à criança o nome de Rapunzel e levou-a embora.

Rapunzel cresceu e tornou-se a mais bela criança do reino. Quando fez doze anos, a feiticeira trancou-a no alto de uma torre, no meio da floresta.

A torre não possuía nem escada, nem porta: apenas uma janelinha, no lugar mais alto. Quando a velha desejava entrar, punha-se debaixo da janela e gritava:

— Rapunzel, Rapunzel! Atira as tuas tranças!

Rapunzel tinha magníficos cabelos compridos, finos como fios de ouro. Quando ouvia a velha a chamar, abria a janela, desenrolava as tranças e atirava-as. As tranças caíam vinte metros abaixo, e a feiticeira subia por elas.

Alguns anos depois, o filho do rei estava a cavalgar pela floresta e passou perto da torre. Ouviu um canto tão bonito que parou, encantado.

Rapunzel, para espantar a solidão, cantava para si mesma com sua doce voz.

Imediatamente o príncipe quis subir, procurou uma porta por toda parte, mas não encontrou. Inconformado, voltou para casa. Mas o maravilhoso canto tocara-lhe o coração de tal maneira que ele começou a ir para a floresta todos os dias, querendo ouvi-lo outra vez.

Numa dessas vezes, o príncipe estava descansando atrás de uma árvore e viu a feiticeira aproximar-se da torre e gritar: "Rapunzel, Rapunzel! Atira as tuas tranças!." E viu a feiticeira subir pelas tranças.

"É essa a escada pela qual se sobe?," pensou o príncipe. "Pois eu vou tentar a sorte...."



Imagem: Johnny Gruelle

No dia seguinte, quando escureceu, ele aproximou-se da torre e, mesmo por baixo da janelinha, gritou:

— Rapunzel, Rapunzel! Atira as tuas tranças!

As tranças caíram pela janela abaixo, e ele subiu.

Rapunzel ficou muito assustada ao vê-lo entrar, pois jamais tinha visto um homem.

Mas o príncipe falou-lhe com muita doçura e contou como seu coração ficara transtornado desde que a ouvira cantar, explicando que não teria sossego enquanto não a conhecesse.

Rapunzel foi-se acalmando, e quando o príncipe lhe perguntou se o aceitava como marido, reparou que ele era jovem e belo, e pensou: "Ele é mil vezes preferível à velha senhora...." E, pondo a mão dela sobre a dele, respondeu:

— Sim! Eu quero ir contigo! Mas não sei como descer... Sempre que me vieres ver, traz-me uma meada de seda. Com ela vou fazer uma escada e, quando ficar pronta, eu desço, e levas-me no teu cavalo.

Combinaram que ele viria sempre ao cair da noite, porque a velha costumava vir durante o dia. Assim foi, e a feiticeira de nada desconfiava até que um dia Rapunzel, sem querer, lhe perguntou:

— Diga-me, senhora, como é que lhe custa tanto subir, quando o jovem filho do rei chega aqui num instantinho?

— Ah, menina malvada! — gritou a feiticeira. — Pensei que te tinha isolado do mundo, e tu enganas-me!

Na sua fúria, agarrou Rapunzel pelos cabelos e esbofeteou-a. Depois, com a outra mão, pegou uma tesoura e cortou-lhe as belas tranças, largando-as no chão.

Não contente, a desalmada levou a pobre menina para um deserto e abandonou-a ali, para que sofresse e passasse todo tipo de privação.

Na tarde do mesmo dia em que Rapunzel foi expulsa, a feiticeira prendeu as longas tranças num gancho da janela e ficou à espera. Quando o príncipe veio e chamou: "Rapunzel! Rapunzel! Atira as tuas tranças!," ela deixou as tranças caírem para fora e ficou à espera.

Ao entrar, o pobre rapaz não encontrou sua querida Rapunzel, mas sim a terrível feiticeira. Com um olhar chamejante de ódio, ela gritou zombeteira:

— Ah, ah! Vieste buscar a tua amada? Pois a linda avezinha já não está no ninho, nem canta mais! O gato apanhou-a, levou-a, e agora vai-lhe arranhar os olhos! Nunca mais verás Rapunzel! Ela está perdida para ti!

Ao ouvir isso, o príncipe ficou fora de si e, em desespero, atirou-se pela janela. O jovem não morreu, mas caiu sobre espinhos que lhe furaram os olhos e o cegaram.

Desesperado, ficou deambulando pela floresta, alimentando-se apenas de frutos e raízes, sem fazer outra coisa senão lamentar-se e chorar a perda da amada.

Passaram-se os anos. Um dia, por acaso, o príncipe chegou ao deserto onde Rapunzel vivia, na maior tristeza, com os seus filhos gémeos, um menino e uma menina, que haviam nascido ali.

Ouvindo uma voz que lhe pareceu familiar, o príncipe caminhou na direção de Rapunzel. Assim que chegou perto, ela logo o reconheceu e abraçou-se a ele a chorar.

Duas das lágrimas da rapariga caíram nos olhos dele e, no mesmo instante, o príncipe recuperou a visão e ficou a ver tão bem quanto antes.

Então, levou Rapunzel e as crianças para seu reino, onde foram recebidos com grande alegria. Ali viveram felizes para sempre.

O Flautista de Hamelin

Há muito, muito tempo, na cidade de Hamelin, numa bela manhã, os seus habitantes encontraram a cidade repleta de ratos famintos que devoravam toda a comida disponível. Coma a cada dia que passava os ratos se multiplicavam, os moradores, desesperados, reuniram-se e decidiram oferecer um pote de ouro a quem acabasse com aquela terrível praga.

Logo chegou à cidade um flautista que lhes disse:

— O ouro será meu. Esta noite não haverá um só rato em Hamelin.

O flautista pegou então sua flauta e saiu pelas ruas de Hamelin entoando uma linda melodia que encantava os ratos, e fazia com que todos o seguissem pelas ruas de Hamelin.

O flautista foi tocando e caminhando para fora da cidade, sempre seguido pelos ratos, até que chegou a um grande rio. Sem parar de tocar, atravessou o rio e os ratos, seguindo-o, acabaram por morrer afogados.

No dia seguinte, o flautista foi falar com os responsáveis pela cidade para receber a recompensa devida. Porém o conselho da cidade achava não deia pagar uma fortuna quando o flautista apenas se limitara a tocar a sua flauta e decidiu não lhe pagar.

Furioso pela avareza e ingratidão dos habitantes de Hamelin, o flautista, da mesma forma que fizera no dia anterior, tocou uma doce melodia uma e outra

vez, insistentemente. Porém desta vez não eram os ratos que o seguiam, e sim as crianças da cidade que, arrebatadas por aquele som maravilhoso, iam atrás dos passos do estranho músico. De mãos dadas e sorridentes, formavam uma grande fila, surda aos pedidos e gritos de seus pais que, em vão, entre soluços de desespero, tentavam impedir que seguissem o flautista.



Imagem: Kate Greenaway

As crianças nunca mais apareceram e a cidade de Hamelin ficou para sempre triste e silenciosa, e por mais que se procure lá nunca se encontra nem um rato, nem uma criança.